



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA**

FILIPE DA SILVA BRITO

***“NO NORDESTE, E ESPECIALMENTE NO RECIFE, UM HOMEM TEM QUE SER MACHO”*: A ABJEÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA DO RECIFE NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970s)**

RECIFE

2025

FILIPPE DA SILVA BRITO

***“NO NORDESTE, E ESPECIALMENTE NO RECIFE, UM HOMEM TEM QUE SER MACHO”*: A ABJEÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA DO RECIFE NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970s)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pinto

Coorientador: Sandro José da Silva

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Brito, Filipe da Silva.

"No Nordeste, e especialmente no Recife, um homem tem que ser macho": a
abjeção à homossexualidade masculina do Recife no Diário de Pernambuco
(1970) / Filipe da Silva Brito. - Recife, 2025.

70 p.

Orientador(a): Renato Pinto

Coorientador(a): Sandro José da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Bacharelado,
2025.

Inclui referências.

1. Homossexualidade. 2. Imprensa. 3. Ditadura. 4. Masculinidade. 5.
Nordeste. I. Pinto, Renato. (Orientação). II. Silva, Sandro José da. (Coorientação).
IV. Título.

900 CDD (22.ed.)

FILIPE DA SILVA BRITO

“NO NORDESTE, E ESPECIALMENTE NO RECIFE, UM HOMEM TEM QUE SER MACHO”: A ABJEÇÃO À HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA DO RECIFE NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970s)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovado em: 23/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Pinto (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Sandro José da Silva (Coorientador)

Doutorando em História – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Romulo Gabriel de Barros Gomes (Examinador Externo)

Instituto Federal de Sergipe – IFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família pelo apoio incondicional nesse percurso acadêmico. À minha mãe, Carlucia, pela vida, amor, carinho e paciência ao suportar minhas longas ligações, ora lamuriosas, ora alegres — muitas vezes tudo ao mesmo tempo. Ao meu pai, Lucinaldo, pelo cuidado e suporte ao longo desses anos. Às minhas irmãs, Carla e Camila, por me receberem em suas casas nos momentos de recesso. Aos meus avós, Carrinho e Tetê, por sempre lembrarem de mim e rechearem minha mala com todo tipo de comida.

Ao meu orientador, Renato, pela escuta generosa, leituras atentas, correções e conversas ao longo desses anos. Ao meu coorientador, Sandro, pela condução cuidadosa da orientação e pela pesquisa pioneira e fundamental que serve de base para este trabalho.

A todos os professores da UFPE com quem tive a honra de aprender, em especial José Marcelo, Bruno Uchôa, Rômulo Xavier, Marcus Carvalho, Érica Lopo, Luiza Reis, Bruno Kawai e Marília de Azambuja.

A Levi, secretário do curso de História, por sempre me receber com um sorriso gentil e resolver com prontidão meus problemas.

Às tardes silenciosas de domingo, nas quais, arrependido da procrastinação, escrevi boa parte deste trabalho.

Aos livros que li — e também aos que ainda lerei —, que me inquietaram, provocaram e, muitas vezes, acolheram-me.

Aos meus amigos e amigas, que, com afeto, partilha, fofoca e generosidade, tornaram este caminho menos caótico, mais leve e profundamente significativo: Isabelly Ribeiro, Allana Camily, Clara Rost, Ana Maria Lima, Beatriz Gayão, Lillyan Vitória, Lara Thais, Maria Luiza Azevedo, Thawanny Santos, Hugo José e Samuel Alves.

Ao NUDOC, Núcleo de Documentação sobre Movimentos Sociais Dênis Bernardes, e a cada colega que constrói diariamente esse espaço, pela troca, pelo aprendizado e pela experiência coletiva. A todas as pessoas que, de alguma forma, atravessaram este percurso comigo, meu sincero e afetuoso obrigado.

Pois o ato do amor é uma confissão. Você mente sobre seu corpo, mas o corpo não mente sobre si mesmo; ele não tem como mentir sobre aquilo que o move.

James Baldwin

Enquanto eu tiver corpo ele me submeterá às suas exigências.

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos publicados no jornal Diário de Pernambuco sobre a homossexualidade masculina entre os anos de 1970 e 1980, buscando entender como esses escritos construíam representações negativas e estereotipadas desses sujeitos no contexto da ditadura civil-militar brasileira. A partir dos estudos da sexualidade, masculinidade e da *Queer Theory*, investiga-se de que forma os artigos de opinião publicados na seção “Opinião” do periódico associaram a figura do homossexual à abjeção, desvio, e ameaça à ordem social. A pesquisa também se propõe a analisar como essas representações, articularam-se, de forma insistente, com a ideia de uma “masculinidade nata” do nordestino - um marcador discursivo mobilizado frequentemente para opor corpos dissidentes à virilidade esperada. A análise dos nove artigos selecionados mostra um discurso normativo e nominativo que não só reprime a homossexualidade e reforça a heteronormatividade, mas ajuda a moldar ativamente o próprio sujeito homossexual, associando-o a crimes, doenças e degeneração moral. No limite, concluímos que o jornal foi um dos pilares do monitoramento e da regulação de dissidentes sexuais, ao estabelecer uma linha divisória clara entre corpos considerados legítimos e importantes e aqueles relegados à marginalidade, vidas que não deveriam existir, mas que insistiam em florescer.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Imprensa; Ditadura; Masculinidade; Nordeste.

ABSTRACT

This study aims to analyze the discourses published in the *Diário de Pernambuco* newspaper concerning male homosexuality between the 1970s and 1980s, seeking to understand how these writings constructed negative and stereotyped representations of homosexual subjects within the context of the Brazilian civil-military dictatorship. Grounded in studies of sexuality, masculinity, and Queer Theory, the research investigates how opinion articles published in the newspaper's "Opinião" section associated the figure of the homosexual man with abjection, deviance, and a threat to the social order. The study also examines how these representations were persistently articulated with the idea of an "innate masculinity" of the Northeastern man—a recurring discursive marker mobilized to contrast dissident bodies with the expected virility. The analysis of nine selected articles reveals a normative and nominative discourse that not only represses homosexuality and reinforces heteronormativity, but actively contributes to shaping the very image of the homosexual subject by associating him with crime, disease, and moral degeneration. Ultimately, the study concludes that the newspaper functioned as one of the pillars of the monitoring and regulation of sexual dissidents by establishing a clear dividing line between bodies deemed legitimate and valuable and those relegated to marginality—lives that were not meant to exist, but nevertheless insisted on flourishing.

Keywords: Homosexuality; Press; Dictatorship; Masculinity; Northeast Brazil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------------|---|
| Gathó | Grupo de Atuação Homossexual de Olinda |
| LGBTQIAPN+ | Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binários e outras identidades. |
| DCDP | Divisão de Censura e Diversões Públicas |
| SNI | Serviço Nacional de Informações |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 INVENTANDO UM PASSADO QUEER NO NORDESTE BRASILEIRO. | 16 |
| 2.1 Homossexuais e a História do Brasil: Introdução à invisibilidade histórica | 16 |
| 2.2 Masculinidades e Homossexualidade: Dando gênero e sexualidade à História nordestina. | 19 |
| 3 SILENCIAR OU RELEVAR? O DESPERTAR DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO RECIFE SOB O OLHAR DA DITADURA CIVIL-MILITAR. | 23 |
| 3.1 O golpe de 64 e a subversão: moralidade e anticomunismo no Estado de exceção. | 23 |
| 3.2 Uma presença incômoda na paisagem conservadora brasileira: Boom gay e anos de Chumbo. | 26 |
| 3.3 Pecado diurno e noturno pecado: Táticas de resistência e sociabilidade nas regiões morais do Recife. | 33 |
| 4 POR UMA REAÇÃO PURITANA: OS ARTIGOS DE OPINIÃO E A CONSTRUÇÃO DOS HOMOSSEXUAIS COMO ABJETOS. | 40 |
| 4.1 Os artigos de Opinião como arma política. | 40 |
| 4.2 Desenhando e narrando: Abjeção à homossexualidade masculina e esquadrinhamento das sexualidades do Recife nos artigos de opinião. | 42 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| 6 REFERÊNCIAS | 61 |
| Fontes | 61 |
| Bibliografia | 62 |

1 INTRODUÇÃO

A frase entre aspas do título deste trabalho foi retirada de uma edição do Diário de Pernambuco publicada em 1971. O artigo reproduzia a fala do delegado de costumes, Mário Alencar, em defesa da medida de fiscalização dos homossexuais e das travestis nas festas carnavalescas da cidade do Recife naquele ano¹. Confrontos entre forças policiais e homossexuais no Carnaval não foram uma exclusividade daquele momento, mas a aparição cada vez maior de sujeitos que dissidiam das normas de sexo e gênero nas ruas do Recife despertava o interesse das autoridades, da população e dos jornalistas da cidade.

Diante disso, é importante, desde o início, deixar claro que este trabalho tem como foco o homossexual masculino, expressão utilizada para evitar termos homogeneizantes como “homossexualidades” e “minorias sexuais”. A escolha deste termo deve-se à necessidade de marcar os sujeitos deste estudo: homens que sentem atração sexual e afetiva por outros homens, e ao fato de que são esses os sujeitos majoritariamente referenciados nas fontes analisadas. Nesse sentido, diferencio o homossexual masculino de figuras como as travestis, mulheres trans e as homossexuais femininas que, apesar de compartilharem os efeitos do preconceito, têm identidades, emergências públicas e historicidades distintas.

Considerando essa delimitação, será possível entender melhor a crescente visibilidade desse sujeito nas páginas dos jornais. A década de 70 foi marcada pela emergência do homossexual como sujeito público e midiático no Brasil e em Pernambuco.² Os discursos jornalísticos voltados aos corpos desses sujeitos tomaram dimensões cada vez maiores, chegando às primeiras páginas dos grandes jornais pernambucanos. Anteriormente, a produção da nordestinidade dos anos 20, com seu alto padrão de masculinidade, impunha um silêncio sobre os homossexuais. A identidade regional era totalmente oposta a essa figura, que acabou tendo suas práticas sexuais definidas majoritariamente por designações populares.³ Já nos anos 70, o silêncio não era mais uma realidade. Jornalistas mais conservadores,

¹ Polícia fiscalizará exibição de travesti. *Diário de Pernambuco*. Recife, 02 de fev. 1971, segundo caderno, p. 1.

² Ver VERAS, Elias. **Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiático em Fortaleza-CE, nos tempos dos hormônios farmacopornográficos**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015, p. 54-86. SOUTO MAIOR, Paulo. **Assumir ou não assumir: O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)**. Porto Alegre, RS, Editora FI, 2020, p. 77-80. SILVA, Sandro José. **Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.

³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. No Ceará tem disso não?: Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes. *XX Simpósio Nacional de História, História: Fronteiras*, 1999. p. 1241-1242.

especialmente os das páginas policiais e os articulistas de opinião, incomodavam-se como uma suposta “tolerância” crescente em relação à homossexualidade. A melhor forma de controle sobre a aparição pública dos homossexuais nas ruas e na televisão, passou a ser nomeá-los, falar cada vez mais sobre os homossexuais, trocar o não dito pelo dito no quesito da sexualidade.⁴

Esse deslocamento do silêncio à linguagem, executado pelos trabalhadores da imprensa, policiais e políticos, mostra uma diferente forma de cerco e um deslocamento na ordem discursiva. O Diário de Pernambuco, principal jornal do Estado à época, também passou por esse processo. Os discursos publicados no periódico geralmente atribuíam características negativas, adjetivos, juízos de valor e eram dotados de caráter normativo e nominativo, articulando-se com velhos preceitos culturais da região, como a famosa “masculinidade nata” do nordestino.

Neste sentido, este trabalho se propõe a entender de que maneira o Diário de Pernambuco, ao desenhar os corpos dos homossexuais nos seus escritos, o fazia de forma negativa e estereotipada? Tendo como objetivos avaliar as maneiras dos discursos jornalísticos no Diário de Pernambuco tratarem os homossexuais de forma negativa e estereotipada; analisar o contexto sócio-histórico de produção dos discursos selecionados; compreender as motivações das referências constantes aos homossexuais na documentação; discutir como a ideia de masculinidade nordestina naturalizada foi utilizada como argumento discursivo contra os homossexuais.

Para isso, analisarei nove artigos de opinião publicados na seção “Opinião” do Diário de Pernambuco entre 1970 e 1980. O recorte temporal está ligado ao problema: os artigos escolhidos problematizam a questão dos costumes sob a ótica da sexualidade na década de 70, era do sujeito homossexual público e midiático, até que em 1980, surge o Grupo de Atuação Homossexual de Olinda (Gathó), e, pela primeira vez, uma nota escrita por um conjunto de homossexuais estampa um artigo do Diário de Pernambuco. Os recortes são arbitrários e carregados de subjetividade, mas os artigos de opinião escolhidos são fundamentais por descortinarem as interpretações dos autores sobre o objeto de análise, por mais que houvesse sempre a pretensa noção de imparcialidade e opiniões livres dos “fatos” sociais.

Para analisar os artigos de opinião, busquei fazer uma divisão metodológica de pesquisa cunhada por Durval Muniz (2012), uma análise externa e interna dessa fonte. A análise externa é feita investigando aquilo que cerca o discurso, o que o situa nas suas

⁴ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

condições de emergência. A análise interna trata o discurso como acontecimento, possibilitando entendê-lo para além de um reflexo do contexto, mas como parte de uma rede de saberes relacionados. Através do mapeamento de suas séries e regularidades, busca-se observar o singular e a ruptura em relação aos discursos anteriores.⁵

Dessa forma, chamo atenção para o meu interesse principal neste trabalho: compreender as práticas sociais que possibilitaram a produção dos documentos escolhidos para análise. De maneira que, na escrita deste texto, há duas temporalidades: o tempo do passado, dos fatos narrados, e o tempo da escrita, no qual está inserido o narrador deste texto.⁶ É justamente nessa dimensão temporal que se encontra a justificativa deste trabalho, os conflitos envolvendo as sexualidades e questões de gênero estão na ordem do dia do brasileiro.

Debates violentos sobre “identitarismo”, “cultura *woke*” e “ideologia de gênero” ocuparam a centralidade dos debates sobre inclusão, desigualdade e racismo, ao estabelecerem o terror em temas de ordem moral e sexual.⁷ Tendo em vista esses desafios, os direitos conquistados nos últimos anos estão em cheque⁸, o passado também está em disputa⁹, sendo fundamental, portanto, o aprofundamento nos estudos sobre os dissidentes de sexo e de gênero.

Dito isso, neste trabalho, conforme a perspectiva de Michel Foucault sobre o dispositivo da sexualidade, partirei da premissa de que os discursos sobre a homossexualidade masculina foram construídos e moldados pelas relações de poder, não para destruir o corpo, mas para fabricá-lo¹⁰. Além disso, usarei o conceito de Abjeção, formulado pela filósofa Julia Kristeva e aprofundado por Judith Butler, para compreender como esses discursos atuavam na produção de sujeitos “que pesavam”, desviantes, vidas defeituosas, errôneas, anormais e até não humanas. Entendendo que, como afirma Durval Muniz:

⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

⁶ RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução de Cláudia Berliner. Campinas: Papirus, 1994.

⁷ Os debates modernos em torno de “identitarismo”, “cultura *woke*” e “ideologia de gênero” refletem disputas políticas e culturais atuais: o primeiro ligado a lutas por reconhecimento de identidades ganhou sentido ambíguo e crítico, a segunda à consciência contra injustiças (e também acusada de excesso de correção política) e a terceira, um rótulo conservador usado para deslegitimar estudos de gênero e políticas feministas e LGBTQIA+.

⁸ **Comissão da Câmara aprova projeto para proibir casamento entre pessoas do mesmo sexo**. G1. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/10/10/comissao-da-camara-aprova-projeto-para-proibir-casamento-entre-pessoas-do-mesmo-sexo.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2024.

⁹ Refiro-me aos movimentos revisionistas da ditadura, entre eles há quem defenda uma suposta tolerância com os dissidentes de gênero e sexualidade. Ver FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas [1]. **Revista Tempo e Argumento**, v. 9, n. 20, p. 5-74, 2017.

¹⁰ MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.” In FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

As carnes humanas não apenas se movem, mas se comovem, são percutidas pelas emoções, são abaladas pelos sentimentos. As carnes humanas vibram no encontro com os afetos do mundo, elas são afetadas, elas são afetuosas. As carnes humanas são eróticas, pois se mobilizam ao toque do outro, são atravessadas por ondas de prazer ou desprazer, por espasmos de repulsa e abjeção, por calafrios, por arrepios, por recasamentos, tensões e distensões.¹¹

Dessa forma, colocar o corpo na História é uma necessidade central desta narrativa, não apenas para contar sobre essas formas que configuraram o passado, mas de entendê-las como capazes de afetar, cortar e tocar as pessoas no tempo presente.¹² Os discursos estigmatizantes sobre a homossexualidade masculina constroem corpos sem nomes, mas cheios de verdades, sentidos, fazeres, andados, jeitos, falas, lugares, crenças, crimes e doenças. Ainda assim, pouco ou nada se sabe sobre os sujeitos envolvidos nas notícias jornalísticas, apenas que seus corpos ousaram romper, de uma forma ou de outra, a delicada camada da “normalidade” social.

Muitos desses sujeitos não têm rosto, voz ou nome, até isto lhes é negado. Apesar dessas ausências, seus corpos em movimento na dura realidade recifense dos anos 70 não lhes negam a existência, lida agora através dessas notícias em artigos de opinião, mas também sempre presente nas seções policiais. Aliás, aqui, importa-me analisar o movimento de homossexuais no centro do Recife, não apenas movimentação política, “mas no sentido de transitar, caminhar, passear, mostrar-se pelas ruas da cidade sem resquícius de timidez ou vergonha.”¹³ O ato de mostra-se também será importante para compreender que o despertar da homossexualidade masculina, na década de 70, aconteceu congruentemente com a popularização dos programas de auditórios.

Será importante, para a compreensão deste trabalho, pensar no período que o Brasil vivia na década de 70. A ditadura civil-militar brasileira e seus rígidos padrões de moralidade “desejava corpos submissos, corpos que confirmassem o ideal de progresso do “Brasil: ame-o ou deixe-o”, corpos em harmonia com o padrão de família nuclear.”¹⁴ Os corpos dos homossexuais masculinos, femininos, das travestis e das prostitutas, não se enquadram nesta categoria e se opunham ao modelo de família nuclear. Não é estranho, portanto, perceber o incômodo com a mobilização desses corpos nas páginas jornalísticas do Diário de Pernambuco.

¹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia**, v. 16, p. e 2005, 2023, p. 3.

¹² *Ibid.*, p.2.

¹³ SILVA, Sandro José. Pontos de encontro e desencontro: a sociabilidade e o cotidiano de homossexuais em ruas, cinemas, bares e boates na cidade do Recife (1970-1980). In MAIOR JÚNIOR, Paulo, QUINALHA, Renan. **Novas Fronteiras das Histórias LGBT+ no Brasil**. Elefante, 2023, p. 314.

¹⁴ MAIOR JÚNIOR, 2020, p. 65.

Além disso, ao longo do texto, foi necessário pensar como a imagem do nordestino invariavelmente masculino foi inventada e usada nos discursos dos anos 70 para opor-se a figura do homossexual. Entendo masculinidade como uma construção social e simbólica feita a partir da observação de determinadas diferenças biológicas entre os sujeitos, que acabou por produzir uma forte desigualdade entre homens e mulheres. O processo de criação de códigos de gênero formulou uma série de regras contrastantes de como ser masculino e feminino. O feminino ligado à sensibilidade, ao zelo e ao cuidado, o masculino à força, vigor, energia, coragem, competitividade, e por que não, impenetrabilidade?¹⁵

Será essencial, ainda, diferenciar, aqui, dois sujeitos diferentes: o homossexual e o gay. Neste trabalho, me interessa o primeiro, e o defino como uma personagem criada no século XIX para incorporar as sexualidades que fugiam do formato cristão e “sadio” de casamento. Naquele momento, a distinção do homossexual e dos outros sujeitos não era sociológica, mas biológica e psicológica. Ao longo dos séculos XIX e XX, a construção social do homossexual, fortemente influenciada por médicos e juristas, deu-lhe um passado, uma história, um rosto e características comuns e homogêneas.¹⁶ Após os anos 60, influenciado pelo “Gay Pride” norte-americano, o sujeito *gay* surge baseado em um imperativo político de orgulho. Atrelado a ideia de assumir ou de confessar sua sexualidade, o gay, que em inglês significa alegre ou feliz, surgiu para quebrar estigmas de outrora.

Por fim, busco compreender como ao desenhar tão nitidamente os indivíduos que consideravam desviantes, a cobertura do Diário de Pernambuco ajudou a construir a imagem do homossexual recifense, os limites da masculinidade nordestina e o anseio por uma sexualidade considerada “normal”. Os discursos aqui analisados foram mais que uma simples estratégia de controle através da exclusão, foram, também, meio de produção ativa de sujeitos desviantes. As tecnologias de poder, por meio de práticas discursivas, colocaram sujeitos que insistiam em existir nos mais distantes limites do humano, do moral e do aceitável. Esta é, então, uma história que visa dar algumas contribuições para a História dos homossexuais que foi, muitas vezes, reduzida ao escárnio, à caricatura, à abjeção e, principalmente, ao silêncio.

¹⁵ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Masculino|Masculinidades In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 489-495.

¹⁶FERRARI, Anderson. Homossexualidade In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 395-400.

2 INVENTANDO UM PASSADO QUEER NO NORDESTE BRASILEIRO.

2.1 Homossexuais e a História do Brasil: Introdução à invisibilidade histórica

A historiografia brasileira por muito tempo negligenciou a sexualidade como categoria útil para análise histórica. Os historiadores produziram avanços extraordinários no século XX ao introduzirem novas lentes teóricas, sujeitos, abordagens e metodologias no fazer historiográfico. A História vista de baixo, dos vencidos ou dos marginalizados evidenciou a agência da classe operária no seu próprio “fazer histórico”¹⁷ e redirecionou o foco de análise dos grandes personagens, membros das elites, para os trabalhadores, cidadãos comuns e populares¹⁸. Apesar desse incrível salto qualitativo de análise, alguns sujeitos, como as mulheres e os homossexuais, não estiveram incluídos nessa leva de marginalizados historicizados nos primeiros anos do século XX.

Segundo o historiador francês Michel de Certeau, a História se escreve a partir de um lugar, ou seja, é construída em uma instituição. A organização dos temas, escolhas das fontes - ou omissão - se deve também ao lugar social de realização das pesquisas, esses lugares atuam no ato de silenciar ou revelar o que deve ou não ser escrito.¹⁹ O silêncio de Clio no Brasil²⁰ ocorria pela escolha política de determinados temas, sujeitos e histórias. As relações de classe pareciam explicar tudo, e, dentro da megaestrutura econômica, a homossexualidade não era um objeto de estudo relevante.²¹

A ideia da “fragmentação” dos temas de estudo parecia ser “contraproducente”, afinal, não havia por que dividir a sociedade se era possível colocá-la em categorias totalizantes como classe e trabalhadores.²² Tendo em vista esses empecilhos, os estudos antropológicos foram pioneiros na análise sobre a homossexualidade no Brasil. Ainda nos anos 80,

¹⁷ THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9.

¹⁸ O conceito de História vista de baixo foi desenvolvido pelos historiadores marxistas britânicos E.P Thompson, Eric Hobsbawm e Christopher Hill nos anos 1950-1960. Além dos proletários urbanos, essa nova corrente teórica promoveu o estudo dos camponeses, populações rurais, seitas religiosas, escravizados, criminosos e populações coloniais.

¹⁹ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008. p. 77.

²⁰ Os historiadores Elias Veras e Joana Pedro utilizaram o termo silêncios de Clio para referir-se à invisibilidade histórica dos homossexuais na escrita historiográfica. Ver: VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

²¹ James Green, ao investigar os estudos sobre homossexualidade no Brasil, revela a dificuldade dos conservadores neomarxistas e ortodoxos em pensar nas mulheres e homossexuais. Ver GREEN, James N. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. **Revista Gênero**, Niterói, v. 12, n. 2, 2012.

²² A historiadora estadunidense Joan Scott conta esse processo na gênese dos estudos feministas, do qual a posterior *Queer Theory* é profundamente devedora. Ver: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. **SOS Corpo e Cidadania**, 1989.

antropólogos brasileiros como Luiz Mott²³, fundador do Grupo Gay da Bahia, e Lígia Bellini,²⁴ redesenham aspectos importantes da história do Brasil ao fazerem os primeiros estudos sobre as práticas sexuais no Brasil Colonial.

Sobre o século XX, o professor de antropologia da Universidade Estadual de Campinas, Peter Fry,²⁵ estudou os discursos médicos-legais sobre a homossexualidade na primeira metade do século e a sociabilidade de homens afeminados no candomblé. Bem como os antropólogos Nestor Perlongher, militante homossexual, exilado da ditadura militar argentina, estudou a prostituição masculina em São Paulo no clássico *O Negócio do Michê*²⁶, e Edward Macrae²⁷ com os estudos sobre o início do movimento homossexual. Entre os literatos, o jornalista João Silvério Trevisan com o clássico *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*, mostrou a diversidade de fontes para investigação sobre dissidentes de sexo no Brasil. Em meio a esses estudos antropológicos sobre a homossexualidade, a História continuava no silêncio.

Para que a homossexualidade fosse elevada a categoria útil de análise, foram necessárias algumas transformações no ofício do historiador, especialmente no contexto nordestino, como veremos na próxima seção. Com o advento da teoria pós-moderna, o campo histórico passou por uma profunda transformação no seu processo inventivo, as “coisas” foram consideradas como não fixas ou objetivas, a “verdade” foi relativizada e historicizada. Através das reflexões de Michel Foucault, Nietzsche e Jacques Derrida, os discursos oficiais estabelecidos como verdade pelo poder foram questionados com as múltiplas narrativas que passaram a ser ouvidas. A partir dessas reflexões, coloca-se hoje o passado como uma criação discursiva, ou melhor, como define Durval Muniz, o passado é uma invenção e a História é arte de moldá-lo.²⁸

Sob essa ótica, com o tempo, sucessivas camadas discursivas cristalizam imagens do passado que os historiadores, por meio de novas perguntas, desmancham no presente. Os documentos também foram revistos, deixando de ser um vestígio fiel do passado, “o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador,

²³MOTT, Luiz R. B. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. *Ciência e Cultura*, v. 40, n. 2, p. 120-139, 1980. Ver também MOTT, Luiz R. B. **O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição**. Campinas-SP: Papyrus, 1989.

²⁴BELLINI, Lígia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

²⁵FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 54-86.

²⁶PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²⁷MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

²⁸ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História.”²⁹ No esteio desse pensamento, novas fontes são descobertas, os periódicos, que até algumas décadas antes não eram usados como fonte, tomaram a centralidade das pesquisas sobre a homossexualidade.³⁰

O uso de novas fontes³¹, o fortalecimento da *Queer Theory*³² e as reflexões de Michel Foucault sobre o poder e a sexualidade fizeram com que os historiadores reavaliassem velhas premissas e critérios do trabalho científico historiográfico. Essa nova perspectiva levou à problematização da produção discursiva das normas reguladoras do sexo e gênero, à crítica ao essencialismo, bem como do caráter performativo das repetições que materializam a heterossexualidade como modelo universal de sexualidade.³³ Com essa base teórica, estudos emergiram inventando histórias de sujeitos outrora silenciados.

Um dos primeiros trabalhos frutos desse processo de renovação foi *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, do historiador brasileiro James Green. Pela primeira vez, um estudo sistemático sobre a homossexualidade no Brasil era feito por um historiador, o desnude dessa presença tão marcante na sociedade brasileira ficava evidente a cada capítulo da obra. Green estudou preferencialmente o Rio de Janeiro e São Paulo, um recorte que ele reconheceu como insuficiente na 3ª edição da obra em 2022.³⁴ Todavia, esse trabalho abriu caminhos para uma geração de pesquisadores posteriores que usaram esse livro como referencial teórico e metodológico para pensar outras localidades.

A partir dessa base, os pesquisadores começaram a se debruçar sobre os anos da Ditadura Militar brasileira, época marcada por uma intensa mobilização de dissidentes de gênero e sexualidade em diversas partes do Brasil, e pela sistemática perseguição a esses corpos. Esse contexto fomentou debates que levaram à pressão por um grupo de estudo na Comissão Nacional da Verdade sobre as violações de direitos humanos contra a população

²⁹ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007,p. 63.

³⁰ VERAS; PEDRO; 2014, p. 95.

³¹ James Green e Ronald Polito, ao escrevem o livro *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1970-1980)*, argumentam que o deslocamento das fontes médicas e policiais para as jornalísticas, nos anos 70, foi, e ainda é, fundamental para a multiplicação de trabalhos sobre a homossexualidade produzido pelos próprios homossexuais. Até os anos 60, raros pesquisadores deixaram trabalhos autorais sobre a homossexualidade se não aqueles das áreas medicas e jurídicas. Ver GREEN; POLITO, 2006, p. 19.)

³² A Queer Theory popularizou-se no Brasil nos anos 90, mais profundamente nos anos 2000, e foi fundamental para os estudos de identidade de gênero e sexualidade no campo acadêmico, deslocando-os para uma crítica mais ampla das normas que produzem padrões de sexualidade. Os trabalhos de Guacira Lopes Louro (2004), Berenice Bento (2006) introduziram esse debate e as discussões de Judith Butler e Michel Foucault sobre a realidade brasileira.

³³ Ver BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

³⁴GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 3.ed. São Paulo: Unesp, 2022, p. 10.

LGBT.³⁵ Dessa iniciativa, resultou a obra organizada por Renan Quinalha e James N. Green, *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade (2021)*. Embora ainda voltada às realidades do Rio de Janeiro e São Paulo, com exceção de um artigo sobre Belo Horizonte, essa coletânea solidificou um campo de estudo em expansão até hoje.

O pontapé inicial tinha sido dado, as bases teóricas lá estavam, as fontes eram diversas. Essas investigações mostraram a criação de políticas de controle sexual da ditadura militar, como aponta Renan Quinalha na obra *Contra a Moral e os Bons Costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT (2021)*. O autor sustenta que o regime ditatorial criou políticas para moralizar o país contra comportamentos inadequados e desviantes, como a homossexualidade, produzindo uma ditadura hétero-militar. Nota-se que as principais obras sobre a homossexualidade no Brasil restringiam-se ao sul e sudeste do Brasil, o nordeste, marcado por altos estigmas de masculinidade, teve que desnaturalizar a imagem emoldurada de virilidade e inventar um passado queer para essa região.

2.2 Masculinidades e Homossexualidade: Dando gênero e sexualidade à História nordestina.

No início do século XX, provocado pelo enfraquecimento e pela perda de prestígio das elites regionais, o nordeste, enquanto recorte regional, foi criado. Os jogos de poder envolvidos na invenção do Nordeste produziram também seu símbolo regional: o nordestino.³⁶ Todo esse processo foi influenciado principalmente pelo Centro Regionalista do Nordeste, criado pelo intelectual pernambucano Gilberto Freyre, em 1926, nele a maioria dos estudiosos envolvidos criticavam uma sociedade urbanizada, modernizante e afeminada. Frente a essa situação, o nordestino seria a reserva de virilidade nacional, era o resgate do patriarcalismo com ordem social.³⁷

A personagem nordestino “cabra macho” foi naturalizada e emoldurada na historiografia e nas artes, como aponta Durval Muniz:

³⁵ A Comissão Nacional da Verdade foi criada em 2011 para resgatar a memória das violações de direitos humanos cometidos por agentes estatais entre 1946 e 1988. A partir dos esforços da sociedade civil organizada, James Green e Renan Quinalha atuaram na Comissão Nacional da Verdade para apurar os efeitos da Ditadura Militar no cotidiano de homens que desejavam outros homens e mulheres que amavam outras mulheres. Cerca de 20 páginas do relatório final descrevem esse momento.

³⁶ O historiador Durval Muniz explorou como a região Nordeste foi inventada no início do século XX, como uma forma das elites regionais reclamarem seu desprestígio frente ao “sul” desenvolvido do país. O saudosismo do glorioso passado colonial e imperial era marcante, bem como o incômodo com as ideias “modernizantes” e pouco másculas vindas dos grandes centros urbanos. É nesse contexto que a figura regional do nordestino é constituída como o que deveria ser o verdadeiro homem brasileiro, o macho nordestino. Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

³⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003. p. 162.

O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Na região Nordeste até as mulheres são machos, sim, senhor! Na historiografia e sociologia regionais, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura com atributos masculinos. **Mesmo em seus defeitos, é com o universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade, em nossa sociedade que ele se relaciona.**³⁸

A nordestinidade, nesse sentido, parece opor-se à homossexualidade, que era para muitos daqueles autores, um fruto descabido da decadência do mundo tradicional. Para que estudos sobre a homossexualidade no Nordeste se aprofundassem, foi necessário que os historiadores, a partir de imposições do presente, desnaturalizassem a cristalizada imagem viril da região e a colocassem em uma perspectiva construtivista.

Foi fundamental o entendimento “que atrás das coisas “há algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída”³⁹. Esse processo é feito por Durval Muniz nos textos, *Nordestino: Uma Invenção do Falo (2003)*, *No Ceará tem disso não (1999)* e *Trilhas Urbanas, Armadilhas Humanas (2004)*, textos pioneiros sobre masculinidade e homossexualidade no Nordeste, e no Recife. Durval, sob influência de Foucault, olha o passado procurando a ruptura, o descontínuo e questiona quando emergiu o “cabra macho nordestino” e quando o homossexual foi inventado.⁴⁰

A dissertação de Sandro da Silva, *Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970 (2011)*, foi um marco para a compreensão da homossexualidade no Recife. O autor defende que em meados dos anos 70 a figura do “gay” surgiu em oposição a estigmatização do “frango”, “bicha” e “boneca”, desafiando as normas heteronormativas e construindo uma identidade voltada para o orgulho. A análise feita por Sandro demonstra como a construção de uma identidade mais afirmativa contribuiu para a quebra discursiva e do estigma associado a essas figuras e refletiu uma mudança na percepção da masculinidade e do não normativo no Recife.

De maneira análoga, Elias Veras, em *Carne, Tinta e Papel: A emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza, no tempo dos hormônios/farmacopornográfico (2015)*, explora como a visibilidade das travestis em espaços públicos e midiáticos de Fortaleza gerou novos entendimentos sobre a dissidência de gênero naquela região. Veras mostra que a presença de corpos dissidentes em jornais e revistas possibilitou tanto a

³⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 20. Grifo nosso.

³⁹ FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.” In FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 17-18.

⁴⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.150.

contestação das normas de gênero quanto a possibilidade da constituição desses sujeitos, quando a vontade de saber se tornou indissociável da vontade de controle.⁴¹

Paulo Souto Maior no seu trabalho *Assumir ou não assumir: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (2020)*, investiga como o jornal Lampião da Esquina, grande nome da mídia alternativa, moldou a ideia do “assumir-se”, através do dispositivo da confissão positivada, como elemento central da identidade homossexual até hoje. A partir das noções de dispositivo da sexualidade, confissão, fuga da linearidade, do estudo do discurso, do poder e dos espaços institucionais de controle, a pesquisa olhou para a constituição positiva de características especiais para esses sujeitos. De modo a mostrar que, as mudanças pelas quais passaram os homossexuais passaram por um processo de ressignificação dos seus papéis e na construção ativa de novas formas de encarar o mundo.

Tendo em vista essas reflexões, este trabalho questionará as formas pelas quais o poder penetrou e tentou controlar o prazer cotidiano desses sujeitos na cidade do Recife.⁴² Para isso, concordei com Foucault ao pressupor que nunca se falou tanto em sexo como na modernidade, os estudos sobre sexualidade se sustentavam com base na ideia de uma dura repressão sexual que sempre teria existido na história e principalmente na modernidade. Contudo, foi neste momento histórico que houve um refinamento das técnicas de controle e o modelo lepra - de segregação, silêncio e isolamento - foi substituído pelo modelo da peste - revelação, enquadramento e controle da população.⁴³

No Recife dos anos 70, a construção discursiva de um universo simbólico para encaixar os homossexuais se dava pela necessidade de controlar o efervescente “boom gay” brasileiro em meio à ditadura militar e seus rígidos padrões de moralidade. É neste momento que os discursos sobre o homossexual tomam um caminho diferente, criando uma nova personagem, uma espécie, um ser humano diferente.⁴⁴ Analisarei o discurso como mais que uma troca de palavras que reproduz o “real”, entendo-o como um conjunto de práticas capazes de produzir e regular a percepção da realidade.⁴⁵

⁴¹ VERAS, Elias. **Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza–CE, nos tempos dos hormônios farmacopornográficos**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015, p. 119.

⁴² Essas reflexões são inspiradas naquelas feitas por Michel Foucault em *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Ver FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

⁴³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética revelar e silenciar no discurso cristão. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 5, n. 06, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2328>. Acesso em: 19 ago. 2024, p. 86.

⁴⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 20-28, SINFIELD, A. **Cultural Politics – Queer Reading**. Londres: Routledge, 1994.

⁴⁵ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013, p.19.

O linguista francês Patrick Charaudeau, chama atenção para o lugar e contexto de produção dos discursos, destacando sua historicidade ao afirmar que mesmo a imagem do “real” que alguns jornalistas pretendem mostrar, é dotada de opacidade e deformação à maneira da ordem discursiva envolvida na sua produção⁴⁶. É justamente essa ordem discursiva, como bem definiu Michel Foucault, que precisa ser estudada. Para Foucault, toda produção discursiva é selecionada, organizada, controlada e distribuída por um poder produtor.⁴⁷ Este poder produtor não é algo centralizado e repressor, mas uma prática social construída historicamente, estabelecida em rede, presente em toda parte e produzida a cada momento.⁴⁸

Os sujeitos homossexuais foram desenhados nos discursos do Diário de Pernambuco, cheios de contornos negativos e estereotipados, transformados em abjetos. Segundo Julia Kristeva, a abjeção é a revolta violenta dirigida contra uma ameaça exterior ou interior, esta ameaça é definida como aquela que está além das fronteiras do tolerável. O abjeto é aquele que não respeita as fronteiras e as regras, o que perturba a identidade, desvia e nega os padrões, é aquele que tem apenas uma qualidade: ser o outro.⁴⁹

Nesse sentido, a filósofa Judith Butler usa esse conceito para formular sua teoria de que há corpos que importam mais do que outros. Há uma série de normas que estabelecem quais corpos podem ser considerados vidas viáveis com pleno gozo dos seus direitos, e há aqueles que sequer são considerados humanos, portanto estão sujeitos a todo tipo de violência, estes seriam os abjetos. A norma da performatividade de gênero estabelece o que é um ser, a partir da repetição da heteronormatividade, e o que é o outro, o dissidente desta norma heteronormativa.⁵⁰ Entendo aqui os homossexuais como os corpos que não importam, portanto, suscetíveis a toda violência naqueles duros anos da vida brasileira, e especialmente da Recife.

⁴⁶CHARAUDEAU, 2013, p. 20.

⁴⁷FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.9.

⁴⁸Foucault, 1999, p. 89.

⁴⁹KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: An Essay on Abjection**. Columbia University. New York, 1982.

⁵⁰BUTLER, Judith. **Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo**. 1. ed. São Paulo: Crocodilo, 2019.

3 SILENCIAR OU RELEVAR? O DESPERTAR DA HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA NO RECIFE SOB O OLHAR DA DITADURA CIVIL-MILITAR.

3.1 O golpe de 64 e a subversão: moralidade e anticomunismo no Estado de exceção.

A década de 70 foi marcada por profundas transformações políticas e sociais no Brasil. Anteriormente, em abril de 1964, o presidente constitucional foi golpeado por uma subversão da ordem institucional conduzida por oficiais do exército brasileiro e segmentos da sociedade civil. Sustentada por militares, empresários urbanos e rurais, elites do funcionalismo público, judiciário, legislativo, classes médias, clero e a grande imprensa, a ditadura civil-militar brasileira sustentou-se por 21 anos.⁵¹ Dentro desse cenário, a homossexualidade masculina tornou-se foco de discursos e práticas que a marginalizavam e construíram-na como algo abjeto e perigoso para a decência daquele momento.

Este capítulo fará uma análise panorâmica da relação entre a ditadura militar brasileira e as questões relacionadas à moralidade, sexualidade e aos “bons costumes”, destacando os mecanismos repressivos, a produção de discursos normativos e as táticas de resistência desenvolvidas por homossexuais masculinos. Para isso, dialogo com a crescente produção historiográfica sobre o tema, criticando a aparente dialética entre o silenciar e o revelar presente nos discursos sobre a homossexualidade. Este estudo de caráter introdutório visa construir as bases para a análise das fontes no próximo capítulo, mas antes de nos aprofundarmos nessas questões, gostaria de deixar claro alguns pressupostos deste trabalho.

Entendo o golpe de 64 enquanto civil-militar, como defende Carlos Fico⁵², e a ditadura também como civil-militar, como defende René Dreifuss.⁵³ O uso do termo civil-militar deve-se à necessidade de afirmar a participação de determinados setores da sociedade civil nas violências diretas contra homossexuais naquele momento. O historiador Carlos Fico analisou várias cartas enviadas à censura pedindo por mais repressão em nome da defesa da moral e dos bons costumes. Grande parte do vasto material enviado à Divisão de Censura e Diversões Públicas (DCPDP) é rica em manifestações ultraconservadoras contra o nu masculino, o “homossexualismo” e seu possível efeito degenerativo na juventude.⁵⁴

⁵¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 52.

⁵² FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Editora FGV, 2014.

⁵³ DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 361

⁵⁴ FICO, Carlos. "Prezada Censura": cartas ao regime militar. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, 2002, p. 274.

Para além do apoio daqueles segmentos sociais, a ditadura consolidou-se na criação de um inimigo interno: o comunista, a verdadeira antítese do "povo brasileiro". Espalharam-se pela nação brasileira os ventos da liberação sexual com os anticoncepcionais, os alucinógenos, o movimento hippie, a filosofia existencialista e a crítica ferrenha à família tradicional, cristã e burguesa. Enquanto isso, as classes médias produziram e aderiram à retórica do pudor público e dos bons costumes, centrais para a sustentação da ditadura.⁵⁵ A retórica anticomunista, muito popular no Brasil desde antes do golpe, também foi um dos argumentos centrais para o apoio ao regime, o que levou a uma extensão do significado do termo comunismo.

Rômulo Gomes defende que, na tentativa de criar um inimigo que deveria ser estigmatizado, vigiado e isolado por querer destruir as bases da cultura nacional e os costumes cristãos, o comunismo tornou-se uma definição plástica e mutável, de formas opacas e margens amplas.⁵⁶ A guerra contra o comunismo, atrelada aos estritos padrões de moralidade, levou a um embate direto contra qualquer minoria dissonante, incluindo até os homossexuais nessa categoria e revelando que:

A homossexualidade constituía, segundo a própria visão oficial, uma ameaça subversiva ao regime autoritário. Neste contexto, fica claro como o anticomunismo se articula com valores morais conservadores na produção de policiais repressivas de estado contra pessoas LGBT, pelos riscos que estas representavam à “família”, à “moralidade” e aos “bons costumes”⁵⁷.

As forças nacionais e seus líderes entendiam a “corrupção” dos costumes como mais um elemento psicológico da guerra revolucionária encabeçada pelos comunistas. Segundo Benjamin Cowan, “as forças de segurança, o SNI em particular, prestaram atenção direta à ascensão do Movimento Gay, vendo nele uma conspiração do que os agentes de informações abreviaram como MCI- Movimento Comunista Internacional.”⁵⁸ Assim, para o Serviço Nacional de Informações (SNI)⁵⁹, a homossexualidade, além de um equívoco moral capaz de

⁵⁵QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. Companhia das Letras, São Paulo, 2021, p. 22-23.

⁵⁶GOMES, Rômulo Gabriel de Barros. **Muito prazer, pornochanchadas: relações entre moral e bons costumes na construção da censura às produções eróticas brasileiras (1975-1982)**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017, p. 81-82.

⁵⁷GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, São Carlos, 2021, p. 20

⁵⁸COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no Regime Militar. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, São Carlos, 2021, p. 36.

⁵⁹ Criado em 1964 e extinto em 1990, o Serviço Nacional de Informações (SNI) foi criado para combater a “subversão” e “proteger o Estado” contra ameaças internas e externas. O monitoramento do SNI acabou servindo para repressão e ataque a qualquer tipo de movimento considerado ameaçador.

degenerar a juventude, era uma ameaça à segurança nacional.⁶⁰ Nesse contexto, Renan Quinalha adverte para a “cruzada moral” promovida contra os ameaçadores da moral e dos bons hábitos.

Todavia, o objetivo não era acabar com os homossexuais, mas sim construí-los de forma grotesca, negativa, estereotipada, reforçar velhos estigmas já tão utilizados e confiná-los em lógica hierárquica social. Quinalha afirma que a Ditadura Civil-militar brasileira promoveu uma “criminalização indireta” dos homossexuais no Brasil, já que a homossexualidade não é crime no Brasil desde 1823. Contudo, essa criminalização não partia de um poder central e monolítico ditando de cima para baixo políticas de controle sexual, mas uma multiplicidade de poderes estabelecidos em rede sob uma ordem nem sempre coerente que acabaram por produzir políticas de controle sexual. Tudo isso, articulado com preceitos morais e culturais da sociedade brasileira, especialmente aos rígidos padrões de masculinidade no nordeste, impondo um direcionamento à sexualidade.

É necessário ter em mente uma movimentação precisa dessa “criminalização indireta”: as prisões arbitrárias de homossexuais somavam-se à censura em nome da moral e dos bons costumes. Músicas, peças, livros, jornais, filmes, programas de TV eram cortados pela tesoura moral e seus integrantes “convidados” a prestar esclarecimento ou até mesmo presos. Um caso famoso é da escritora lésbica Cassandra Rios, sucesso editorial no gênero erótico e pornográfico, que teve trinta e seis livros censurados⁶¹, muitos dos exemplares publicados foram incinerados com mais de 2430 quilos de livros pornográficos na Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro⁶².

É nesse contexto que Renan Quinalha adapta o termo “ditadura civil-militar” e propõe a ideia de “ditadura Hétero-militar”. A expressão provocativa é justificada pela ideia de que o controle da vida privada e todas as subversões morais contrárias à heteronormatividade do regime, como o erotismo, pornografia, transgeneridades e homossexualidade, deveriam ser punidas.⁶³ Desse modo, a cruzada moral reitera o papel do regime de não só silenciar, mas de moldar os sujeitos segundo padrões normativos de comportamento.

⁶⁰ Vale ressaltar que para boa parte das esquerdas, em especial as marxistas, a homossexualidade era um “desvio pequeno-burguês” e uma clara demonstração da “decadência burguesa”. Para mais informações: GREEN, James N. **Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel—pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão**. Editora José Olympio, 2018.

⁶¹ Ainda durante o governo João Goulart, Cassandra teve 8 dos seus 10 livros censurados. É importante ressaltar que grande parte do aparelho repressivo voltado à “defesa da moral e dos bons costumes” foi criado antes do golpe de 1964.

⁶² QUINALHA, 2021, p. 286.

⁶³ *Ibid.*, p. 23-33.

Havia, portanto, o desejo de uma sujeição, através do que Quinalha chamou de laboratório de subjetividades, no qual a ditadura tentou projetar a sociedade brasileira à sua imagem.⁶⁴ O processo de sujeição dos corpos exige uma dessubjetivação e uma despersonalização de si, para que o corpo volte a ser carne capaz de ser modelada como corpo institucional.⁶⁵ Contudo, Quinalha chama a atenção para o fato de não haver uma centralização em um órgão único criado para as políticas de “limpeza moral”. Os vértices dessa movimentação aconteciam das mais diversas formas nos diferentes locais do Brasil, diferindo não só no órgão estatal que reprimia, mas também na produção discursiva massiva sobre esses corpos, como será trabalhado no próximo capítulo.

Apesar disso, este trabalho não pretende afirmar que a produção discursiva negativa e estereotipada de homossexuais surgiu com a ditadura civil-militar, como bem aponta Renan Quinalha, cada período específico tem seus poderes regulares dos desvios sexuais ao longo da história do Brasil. Os homossexuais eram alvos de discursos violentos na mídia pernambucana bem antes do golpe de 1964, o que faremos é analisar a emergência de uma nova intencionalidade discursiva voltada aos anos 70, sob uma nova configuração social do Brasil naquele momento histórico. A possibilidade do surgimento do homossexual enquanto sujeito público e midiaticado, parte desta nova formatação social. Questionamos como a aparição constante de dissidentes de gênero e sexualidade na televisão e a proliferação de espaços de sociabilidade do chamado *boom gay* foram percebidas por parcelas da população brasileira.

3.2 Uma presença incômoda na paisagem conservadora brasileira: *Boom gay* e anos de Chumbo.

Sob o olhar da sociedade brasileira dos anos 70, os homossexuais constituíam-se enquanto sujeitos públicos e midiaticados. A terminologia “homossexual” deixava de significar uma prática eventual, mitologizada, subcultural, circunscrita e silenciada em alguns espaços privados, um novo sujeito sexual emergia atrelado a sua movimentação em vias públicas e manifestação em programas televisivos. No nordeste, a homossexualidade, tal como posta neste texto, não existia na primeira metade do século XX. Como aponta Durval Muniz, “nenhuma prática é recoberta com este conceito. Ele não circula em nenhuma forma

⁶⁴ *Ibid.*, p. 35.

⁶⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia**, v. 16, p. e 2005, 2023, p. 4.

de discurso.”⁶⁶ Nas instâncias dominantes discursivas, o silêncio imperava em torno das práticas homoeróticas, a noção da sodomia era ainda utilizada atrelada a uma série de designações populares como enxuto, boneca, marica, goiaba, homem-mulher e macho-e-fêmea.⁶⁷

Aliás, vale ressaltar um forte contraste entre o excesso de termos e histórias em torno do homoerotismo masculino nas fofocas cotidianas, mas a predominância da proibição do assunto em locais públicos de temas sérios.⁶⁸ Nesse sentido, questiono os porquês do despontar do homossexual como um indivíduo público e midiático nesse contexto adverso. Tencionaremos a análise para o papel da mídia impressa, muito forte naquele momento, na construção desses sujeitos dessa maneira, como falarei no capítulo seguinte, e também da maior participação ativa desses sujeitos nos programas, nas movimentações cotidianas e na produção de espaços de sociabilidade.

Desse modo, o despertar da homossexualidade masculina, na década de 70, deu-se quando as redes de televisão trabalharam para consolidar um público consumidor, especialmente nas camadas mais pobres, utilizando conteúdos apelativos para subirem a audiência através da apropriação de aspectos da cultura de determinados segmentos da sociedade. Os homossexuais e as travestis entravam na lista dos considerados “aberrações”, “patéticos” e “ridículos”, importantes para alavancar a audiência quando se mostravam afeminados, fúteis, histéricos e debochados.⁶⁹

Figuras como Dener,⁷⁰ Clodovil⁷¹, Clóvis Bornay⁷² e Rogéria⁷³ mostravam-se publicamente como a personificação das características opostas das normas de virilidade e levantaram reações diversas que pediam medidas mais duras da censura federal ou reações

⁶⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. No Ceará tem disso não? Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes. **Anais do XX Simpósio Nacional de História**. ANPUH, Florianópolis, julho de 1999, v. 2, 1999, p.1241.

⁶⁷ As práticas homoeróticas representam as múltiplas práticas sociais e sexuais entre pessoas do sexo masculino. Essas práticas não são definidas por identidade alguma.

⁶⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 1242.

⁶⁹ RODRIGUES, Rita de Cassia C. De Dener a Chrysóstomo, a repressão invisibilizada: As homossexualidades na Ditadura. EEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, São Carlos, 2021, p. 210.

⁷⁰ Dener Pamplona foi um estilista paraense muito conhecido por fazer vestidos para famosas e autoridades, como a primeira dama do Brasil, Teresa Goulart. Nos anos 70, popularizou-se como jurado do Programa Flávio Cavalcanti na extinta Rede Tupi.

⁷¹ Clodovil Hernandez foi um costureiro de alta costura que atuou como apresentador e jurado de vários programas de televisão no Brasil, popularizando-se por seu comportamento ácido e sincero.

⁷² Clóvis foi um famoso carnavalesco vencedor de vários concursos de fantasias de luxo do carnaval carioca. Em 1972, foi cortado do cargo de jurado no Programa Silvio Santos na Rede Globo devido aos seus “trejeitos”.

⁷³ Rogéria foi uma atriz e cantora que se definia como “a travesti da família brasileira”. Rogéria atuou em vários filmes, teatros de revista e lotou clubes noturnos, ganhando fama internacional. Também foi jurada de muitos programas de auditório dos anos 60 até as primeiras décadas do século XX, passando pelos programas do Chacrinha, Gilberto Barros e Luciano Huck.

positivas daqueles que adoravam vê-los na tela.⁷⁴ Grupos como Dzi Croquettes e Secos e Molhados, estes liderados pela figura sensual de Ney Matogrosso, desafiavam a lógica binária das famílias tradicionais e levantavam dúvidas acerca daquelas velhas certezas tidas como naturais. Os tropicalistas Gilberto Gil e Caetano Veloso também rompiam determinadas fronteiras. Ao enxergarem homens de maquiagens, crinas, sutiãs, saltos altos, rebolados, corpo peludo e voz grossa, as fronteiras entre masculino e feminino se mostravam cada vez mais frágeis para os brasileiros.

Em Pernambuco, o grupo Ave de Sangria marcou esse período ao produzir letras pouco “ortodoxas” em relação ao seu espaço de produção. A música brasileira eternizou um padrão de “normalidade” em termos amorosos e comportamentais. Naquele momento, Luiz Gonzaga, rei do baião, cantava contra os cabeludos, de cintura de pilão e calça justa, pois “cabra com esse jeitinho, no sertão do meu padrinho, não tem vez não”⁷⁵. Contudo, a música Seu Waldir, cantada por Ave de Sangria, instituiu o homoerotismo como elemento chave ao contar a história de um jovem apaixonado por um homem mais velho, lamento do jovem que “queria ser seu brinquedo favorito, seu apito, sua camisa de cetim”, e provocou críticas furiosas e a censura da Justiça Federal que recolheu os LPs de todo o território nacional.⁷⁶

No teatro, o grupo Vivencial Diversiones, ativo de 1974 até 1983, brincava com performances ousadas, provocativas e sensuais, tornando-se, nas palavras de Trevisan, “o espetáculo mais vibrante da cidade”.⁷⁷ O grupo teatral olindense promovia peças diretamente ligadas a suas vivências em grupo, experiências como polícia, drogas, homossexualidade, pobreza e violências, escritas e interpretadas por um grupo de atores locais nos 31 espetáculos realizados nos 7 anos de duração.⁷⁸ Prostitutas, homossexuais, travestis, analfabetos e universitárias subiam aos palcos e lotaram a plateia, sendo o mais puro exemplo do tropicalismo em Pernambuco.

⁷⁴ GREEN, 2022, p. 399.

⁷⁵ GONZAGA, Luiz. **Xote dos cabeludos**. 1967. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N5LijOBxQQE>. Acesso em: 12 maio 2025.

⁷⁶ NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife e o romance: A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins**. Recife (UFPE), 2004. Tese de Doutorado em História, p. 412-413.

⁷⁷ TREVISAN, João Silvério. Vivencial Diversiones apresenta: frangos falando para o mundo. **Lampião da Esquina**. 1979, p. 15.

⁷⁸ SANTOS, Mateus Melo dos. **Bocas que beijam, bocas que falam: Grupo de Teatro Vivencial e masculinidades em Recife e Olinda (1974-1983)**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, p. 16-21.

O Vivencial constituiu-se como um grupo transgressor, não necessariamente subversivo, pois não exigia uma derrubada da estrutura dominante.⁷⁹ O grupo não se posicionou contra a elite dominante e a favor das esquerdas, criticavam a carece independente de onde estivessem, ironizam inclusive o revolucionário, pois:

O Vivencial se comportava como um grupo de teatro político. Não nos moldes partidários e que se envolve com as definições acadêmicas de esquerda e direita ou coisa que o valha, mas político porque se dispunha a enfrentar os poderes imanes tanto provenientes do governo estatal quanto das exigências comportamentais de uma sociedade que prezava – e ao que parece ainda preza – por uma masculinidade viril e manifesta, longe dos saltos altos e da purpurina.⁸⁰

Tendo em vista esse procedimento, o grupo afastava-se diametralmente da pernambucanidade freiriana e do movimento armorial de Ariano Suassuna. A jornada sertaneja de Ariano Suassuna em busca de uma nobreza pernambucana inspirada em uma nobreza ibérica era piada para o vivencial, bem como a masculinidade patriarcalista freiriana, suas obras eram adaptadas para peças transgressoras de gênero e sexualidade.⁸¹ Do Vivencial, figuras como Pernalonga eternizaram-se na memória de Olinda e chamaram muita atenção, em um momento de desbunde e da formação de novas sensibilidades. Pernalonga fazia questão de expressar-se, mesmo com uso de estereótipos, mas entendeu que a ‘liberação’ tinha seus motivos e nos deu algumas pistas sobre os motivos das constantes aparições de homossexuais nos anos 70:

Sou aceito pelo folclore que faço e porque traduzo em atos o desbunde que está enrustido nas pessoas. **O homossexual ainda é objeto de adorno; quando somos bem aceitos, não é por abertura não, mas porque fica bem ter uma bicha sempre à mão, para animar festinhas e reuniões íntimas.** Mesmo quando sirvo a isso, estou consciente.⁸²

Afinal, qual a intenção de mostrá-los? De fato, mostrar essas figuras tidas como folclóricas levantava a audiência, mas, ao mesmo tempo, era um instrumento de ataque para os que defendiam a guarda moral, a conduta disciplinada, a heteronormatividade e a visão do sexo apenas como meio reprodutivo. As reações a essas aparições eram complexas, e diante disso, coloco a seguinte questão: silenciar ou revelar? A existência paralela do estado de exceção e do florescimento da contracultura levou a afirmações e comparações

⁷⁹ João Trevisan chama atenção para os ataques constantes que os membros do Vivencial recebiam de setores da esquerda brasileira. Acusavam-nos de “bichas irresponsáveis”. Ao mesmo tempo, os setores conservadores consideravam-nos comunistas por suas performances transgressoras. TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. p. 309.

⁸⁰ SANTOS, 2018, p. 46

⁸¹ *Ibid.*, p. 31

⁸² TREVISAN, 1979, p. 15. Grifo nosso.

completamente equivocadas sustentadas na defesa de uma suposta liberação na ditadura militar brasileira em comparação a outros regimes ditatoriais na América do Sul, como a feita pelo cientista político Renato Janine Ribeiro:

No Brasil, contudo, a repressão foi bastante leve- ou mesmo tolerante- no que diz respeito a sexo, a costumes, a sentimentos. Isso pode significar que nossos ditadores fossem mais inteligentes, ou, o que é mais provável, que a sociedade brasileira separe, mais que as duas outras, a política em sentido mais próprio e os costumes - e talvez que a vitalidade se concentre mais nestes últimos. O Brasil conseguiu assim liberar costumes no momento mesmo em que a ditadura reprimiu a política.⁸³

Entendo que a aparição crescente dos homossexuais e das travestis nas ruas, programas de televisão, rádios e jornais, ligada a uma ideia de “liberação” deve-se também a uma parte da dimensão pedagógica daquele momento⁸⁴. Era fundamental construir esses indivíduos de forma hierárquica: com jeitos, andados, falas, nomes, espaços, defeitos, crimes, doenças, tornando-os indivíduos repulsivos e abjetos, levando-os à luz de maneira ridícula e “aceitando-os” pelo folclore, como definiu pernalonga. Bem como demonstrado por Quinalha, políticas repressivas eram direcionadas diretamente para dissidentes de gênero e sexo, resultando em diversos encarceramento e na censura massiva para silenciar qualquer manifestação artística “não normativa”.⁸⁵

É importante ressaltar que o silêncio não é um limite para o discurso, como defende Foucault, “não podemos fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz, é preciso determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são atribuídos os que podem e os que não podem falar.”⁸⁶ Desse modo, até nas regras de filtragem de determinadas palavras, o dispositivo da sexualidade define as regiões de silêncio e discricção com uma clara intencionalidade, pois não querer reconhecer algo é parte intrínseca da vontade de verdade. Esse aparelho produtivo de discursos verdadeiros sobre o sexo foi chamado por Foucault de dispositivo da sexualidade,⁸⁷ produtor de uma verdade regulada que exhibe, fascina e captura o sexo para confiná-lo em discursos específicos e verdadeiros.

⁸³ RIBEIRO, Renato. J. A política dos costumes. IN: NOVAES, Adauto. (ORG.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005, p. 138-139.

⁸⁴ Carlos Fico trabalha com a dimensão pedagógica da Ditadura por meio da censura em seu livro *Além do Golpe*. Segundo o autor, muitos militares consideravam o brasileiro como um despreparado e suscetível a más influências. Sendo, portanto, necessário moldar os comportamentos e valores sociais. FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. São Paulo: Record, 2014.

⁸⁵ QUINALHA, 2021, p. 177-274.

⁸⁶ FOUCAULT, 1999, p. 30.

⁸⁷ Para Foucault, os dispositivos são estratégias que têm a função de configurar e fabricar corpos para uma determinada “urgência histórica”. O dispositivo da sexualidade tornou o sexo um elemento imaginário com o intuito de produzir um desejo do sexo, para tê-lo, articulá-lo em discurso e formular verdades sobre o sexo. *Ibid.*, p. 146.

Tendo em vista esses pressupostos, interessa-me entender as relações de poder imediatas em jogo para a produção de discursos sobre os homossexuais masculinos, como esses discursos foram possíveis e como eles foram utilizados. Nos anos 70, os homossexuais construíram seus próprios espaços de sociabilidade como parques, banheiros públicos, cinemas, praias, ao mesmo tempo, em que o capitalismo passou a vê-los como um público consumidor e produziu espaços de consumo como bares, saunas, boates e cinemas específicos para essa população.

O *Boom gay*, como define James Green, ou desbunde gay, defendido por João Trevisan, é a consolidação de espaços de socialização LGBT no Brasil. Segundo Green, o aumento do fluxo migratório do interior para os grandes centros urbanos e a consequente modernização do país com o governo Vargas e Juscelino Kubitschek intensificaram a possibilidade dos homossexuais terem redes de apoio, família e sociabilidade. Longe dos burburinhos do interior e do olhar repressivo da família, muitos sujeitos podiam viver seus desejos e afirmar se enquanto sujeitos.⁸⁸

Esse processo migratório intensificou-se muito durante o chamado “milagre econômico”, quando a economia brasileira cresceu 11% ao ano⁸⁹. Apesar disso, é necessário questionar quem foram os reais beneficiados deste milagre. De fato, a concentração de renda das classes médias e ricas cresceram exponencialmente e criaram um forte mercado em expansão de bens duráveis. No Recife, Antônio Paulo Rezende estudou as modernizações na cidade que vinham acontecendo desde a primeira metade do século XX e como elas tornaram a cidade bem mais atrativa, posteriormente, para migrantes internos.⁹⁰ O redesenho da cidade com a erradicação dos mocambos, ampliação da luz elétrica, construção de ruas, avenidas e ampliação dos espaços de lazer propiciaram maiores possibilidades que seduziram populações do interior e podem ter ensejado a futura sociabilidade homossexual dos anos seguintes.

Em Pernambuco muitos homossexuais migraram do interior para a capital Recife, expulsos de casa pela família ou migrando voluntariamente, geralmente mudavam-se para as chamadas “pensões alegres”. Esses espaços ficavam no Bairro do Recife, atual Recife antigo, formados por sujeitos unidos em torno de experiências comuns, como define o historiador Sandro Silva:

⁸⁸ GREEN, 2022, p. 405-406.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 392.

⁹⁰ REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Editora da UFPE, 2019.

Com uma trajetória de vida bastante cruel, boa parte desses sujeitos não morava com suas famílias biológicas; mas sim em pensões no centro da cidade. As designações “pensões alegres” foram além de simples locais onde as mesmas moravam e recebiam seus clientes e amantes. Por vezes, quando eram expulsos de casa ou vinham do interior e de outras capitais, era o primeiro lugar de moradia onde podiam ser admitidas após as suas transformações corporais. **Além disso, eram locais de sociabilidade e aprendizado do universo em que se vivia. Lá, formaram-se novas “famílias” baseadas nas escolhas das amizades, que de certa forma eram fortalecidas por coisas em comum como a marginalização e a exclusão, que são elementos fortes para a constituição das amizades entre homossexuais.**⁹¹

Nesses espaços, o fluxo migratório começava a consolidar locais de sociabilidade tanto para os homossexuais de baixa renda nas ruas da cidade, quanto nos espaços chiques para homossexuais ricos e de classe média. João Silverio Trevisan lembra que na década de 70, o amor homossexual começou a ultrapassar a censura federal ao estampar as capas das revistas, como a *Isto É* e a *Time*. Uma campanha de perfumes que usava casais homoafetivos e brincava com a dubiedade da palavra “fresco” fez um tremendo sucesso e sinalizou que “no Brasil, já era possível consumir graças à homossexualidade.”⁹²

Apesar disso, é fundamental questionar quais homossexuais tinham acesso aos espaços proporcionados pelo boom gay e seu beneficiavam dessas benesses de consumo, além de atender para uma certa “permissividade consumista” daquele momento. Trevisan alertava para uma segregação dos homossexuais em determinados espaços de consumo e uma hierarquização destes dentro dos próprios espaços:

Assim, há nítidas fronteiras entre espaços frequentados pelas bichas pobres ou mais pintosas da periferia e aqueles lugares frequentados por gente mais fina, que gosta de ser chamada de “entendido” e “guei” (ou gay, termo americano considerado chique) — e cujo valor mais cultivado é sem dúvida a discrição, aliada ao bom gosto em vestir-se. Mas, assim como em outros países, no Brasil a existência do gueto guei situa-se num cruzamento de circunstâncias contraditórias. Por um lado, trata-se da única alternativa para que pessoas de prática homossexual convivam à vontade. Por outro, esse espaço é claramente delimitado para isolar os desviantes, congregando a homossexualidade mais institucional e empurrando-a para uma espiral de consumismo. As batidas que a polícia podia a qualquer momento efetuar dentro do gueto — e assim muita gente já foi levada presa em boates e saunas gueis — eram como advertências de que a tolerância visava fundamentalmente manter claros os limites do gueto.⁹³

Como dito anteriormente, um dos papéis principais do dispositivo da sexualidade é a produção de uma demografia circunscrita para determinados corpos. Sob essa ótica, vemos

⁹¹ SILVA, Sandro José. **Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011, p. 104. Grifo nosso.

⁹² TREVISAN, 2018, p. 287.

⁹³ TREVISAN, 2018, p. 375.

que muitos empresários tiveram vantagem da crescente sociabilidade LGBT⁹⁴, fornecendo locais para encontros entre homossexuais. É nesse momento que o Rio de Janeiro ficou mundialmente conhecido como a capital gay⁹⁵ e atraiu centenas de turistas estrangeiros para suas famosas saunas, boates, discotecas e a “bolsa de valores”⁹⁶ na praia de Copacabana. Nesses locais onde geralmente tocava música internacional e era frequentada por turistas estrangeiros, o valor era geralmente muito alto, Nestor Perlongher, em sua pesquisa sobre a prostituição masculina em São Paulo, outro grande centro, fala que em algumas saunas a soma da taxa de ingresso e o preço do serviço de determinados profissionais poderia chegar a 20 dólares. Quem poderia pagar esses serviços?

Enquanto os homossexuais de classe média aproveitaram as benesses de uma melhora financeira e desfrutavam desse movimento, aqueles mais pobres, especialmente os afeminados, tinham dificuldade no mercado de trabalho e eram forçados a se prostituírem nas ruas, chamado de *"trottoir"*. Ao pesquisar a emergência do gay nos Estados Unidos, Michael Pollak, afirma que em contraposição a uma figura estereotipada e afeminada do homossexual “clássico”, o estilo viril e machão foi se consolidando em revistas e jornais como o modelo ideal a ser seguido e desejado pelos homossexuais⁹⁷. Sandro Silva, afirma que, no Brasil, esse modelo também foi seguido, o que tornou bem mais difícil a vida de todos que não se encaixavam nesse padrão.⁹⁸

Esses grupos concentram-se no que Nestor Perlongher chamou de regiões morais, espaços não necessariamente geográficos, mas sociais, culturais e discursivos, onde esses corpos indesejáveis “soltam ali seus impulsos reprimidos pela civilização.”⁹⁹ Desse modo, cabe compreender quais as dinâmicas e jogos de poder envolvidos na disciplinarização dessas regiões no Recife e quais as táticas que os dissidentes de sexo usavam para burlar determinadas normas morais na cidade.

3.3 Pecado diurno e noturno pecado: Táticas de resistência e sociabilidade nas regiões morais do Recife.

⁹⁴ O termo LGBT é de formulação recente, apesar disso, utilizo-o aqui como categoria analítica para englobar diferentes experiências de sociabilidade.

⁹⁵ Stan Lehman, correspondente da Associated Press no Brasil, chamou o Rio de Janeiro de “capital gay em formação”, o que gerou burburinho e preocupação nos agentes da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e da Polícia Federal. Ver: COWAN, 2021, p. 41.

⁹⁶ Na década de 50, uma área na frente do hotel Copacabana Palace era chamada de “Bolsa de Valores” pelos homossexuais, como referência às qualidades dos encontros naquele espaço. GREEN, 2022, p. 263.

⁹⁷ POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In ARIÉS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs). Sexualidades Ocidentais, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

⁹⁸ SANDRO, 2011, p. 83-84.

⁹⁹ PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 47.

Ali é que é o Recife
 mais propriamente chamado,
 com seu pecado diurno
 e o seu noturno pecado,
 mas tudo muito tranquilo,
 sereno e equilibrado.
 No andar térreo, moram os bancos
 (capitais da Capital)
 no primeiro, a ex-austera
 Associação Comercial,
 no segundo, a sempre fútil
 Câmara Municipal
 e, no terceiro, afinal,
 está a alegre pensão
 da redonda Alzira, a viga
 mestra da prostituição.¹⁰⁰

Com o processo de modernização do Recife, era inevitável andar pelo bairro do Recife¹⁰¹ e não notar a crescente mobilização das carnes no coração da cidade. O aumento dos espaços de prazer voltados para a prostituição e *trottoir*¹⁰², “reflexo da crescente comercialização e mercantilização do sexo na sociedade brasileira”¹⁰³, fazia com que os jornais desempenhassem um papel central nas denúncias e pedidos de uma limpeza moral em nome da ordem pública frente ao avanço dessas práticas a plena luz do dia.

Ainda na década de 1950, o poeta recifense Carlos Pena Filho tornava arte a relação intrínseca do bairro do Recife com os dilemas morais e sexuais que inquietavam a sociedade. Os pecados diurnos e noturnos formavam na cidade uma “associação dos múltiplos pecadores”, aqueles que pecavam de dia com a expropriação, juro e créditos e aqueles que se entregavam aos delírios da carne na calada da noite.

No período noturno, a agitação da cidade tornava-se ainda mais evidente. Fechado o comércio local e diminuída a circulação familiar nas principais vias da cidade, os sujeitos despiam-se dos seus papéis diurnos e deleitavam-se nas regiões morais do Recife. Os jornais pernambucanos abusaram desse jogo de luz e sombras, sendo esta a representação visível do submundo associado frequentemente a homossexuais e travestis. Sandro Silva afirma que os jornais reforçam os estigmas contra as travestis ao desenhá-las como criaturas noturnas que só saíam de casa quando as luzes dos postes acendiam no beco do Recife e a violência tomava conta.¹⁰⁴

¹⁰⁰PENA FILHO, Carlos. **Guia Prático da Cidade do Recife**. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/urariano-mota-carlos-pena-filho-e-o-recife/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

¹⁰¹ Hoje, o bairro do Recife é o chamado centro do Recife.

¹⁰² Trottoir é um termo francês que significa “calçada”, usado no Brasil para se referir à prática de prostituição de rua.

¹⁰³ GREEN, 2022, p. 413.

¹⁰⁴ SILVA, 2011, p. 103.

As cidades são frequentemente compreendidas pela sua estrutura física, a arquitetura as caracteriza, mas elas também são feitas de carnes que dão forma a essas pedras que, de forma mútua, também moldam as carnes, como defende o sociólogo Richard Sennett.¹⁰⁵ O corpo é um elemento essencial da experiência urbana, pois através das práticas cotidianas, dá significado e vida a esses espaços físicos. Segundo Durval Muniz, na cidade, os corpos dos cidadãos:

deixam de ser carne nua, simples existência biológica, a vida como zoé, para se tornarem corpo, através da participação nas leis e costumes da cidade, a vida como bios, isto é, como vida política, como vida pública.¹⁰⁶

A formação de uma vida pública para muitos homossexuais masculinos se dava quando o “Recife figurava como um dos principais polos brasileiros de interação homossexual por oferecer relativa liberdade proporcionada pelo anonimato, pelos desregramentos, pelos pontos de entretenimento.”¹⁰⁷ A distância da capital de Pernambuco, em relação ao interior do Estado onde todos se conhecem, fazia da cidade um polo de interação homossexual e facilitava a subjetivação desses sujeitos, mas propiciava, como discutido nos tópicos anteriores, a sujeição desses corpos por uma série de medidas que visavam construí-los de uma maneira específica. É nessa tentativa de modelagem, no chamado laboratório de subjetividades, que as carnes se movem, se rebelam e se comovem.

Os locais mais comuns para a maioria dos homossexuais masculinos tornaram-se “lugares fora de lugares”, territórios como uma geografia específica para estes sujeitos, os quais eram produzidos pela necessidade da invenção das mais diversas estratégias para conseguir paquerar.¹⁰⁸ Sob esse viés, Sandro argumenta que:

Provavelmente, o uso de espaços alternativos para este tipo de finalidade é um fenômeno que antecede aos anos 70 e está relacionado às implicações do modelo quase inquestionável da normatividade heterossexual e suas artes do flerte e do romance às claras, sem camuflagens, enquanto para os homossexuais foi necessária a invenção de artimanhas para contornar as interdições e poderem dar vazão aos seus desejos em lugares escondidos do restante da sociedade. **O que ocorreu na década de 70 foi justamente uma maior visibilidade sobre estes locais, verdadeiros circuitos compostos por ruas, praças, avenidas, ruelas, banheiros públicos, bares e cinemas onde a arte da “pesca” dava-se com maior intensidade e sucesso.**¹⁰⁹

¹⁰⁵ SENNET, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. São Paulo: Bestbolso, 2010.

¹⁰⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2023, p. 3.

¹⁰⁷ SILVA, 2023, p. 302.

¹⁰⁸ Michel de Certeau defende que o espaço é dinâmico criado pelas práticas cotidianas. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁰⁹ SILVA, 2011, p. 151-152. Grifo nosso.

No entanto, a busca pelos prazeres sexuais eram marcadas pelas desigualdades sociais presentes na sociedade recifense. Para aqueles que não podiam usufruir dos espaços mais caros de lazer e prazer tornava-se inevitável a busca por pegação nos espaços abertos da cidade. O Parque 13 de maio, becos, mictórios mal iluminados, a Avenida Guararapes, a frente do cinema Trianon, na Avenida Dantas Baratas, na beira do rio Capibaribe e o Sanitário público da Rua aurora eram forjados como espaços de experiências e sociabilidade entre homossexuais masculinos no Recife.¹¹⁰

A fronteira entre esses espaços construídos subjetivamente não pode ser medida em quilômetros. Sua localização não é exata. O certo é que lá, à noite, existiam claras distâncias de classe, cultura, raça, faixa etária, diferenças de gênero e sexo. A sociedade recifense já era bastante desigual naquele momento e como falado, o boom gay era voltado a uma determinada população com maior poder aquisitivo e que se enquadrava muito no arquétipo em construção do gay, tratando os que procuravam prazer em locais públicos como sujeitos fora dos padrões de modernidades e longes do perfil ideal para um homem que gostava de outros homens, o gay.

Durval Muniz e Rodrigo Ceballos mostraram as hierarquias nas práticas homoeróticas e na geografia dos desejos da cidade do Recife:

Mesmo os territórios desenhados pelas deambulações, desejos, afetos e encontros homossexuais apresentam demarcações de fronteiras bem nítidas, que separam e segmentam, construindo espécies de subgrupos. Territórios de prazer, de alegria, de beleza, espaços feéricos e luxuosos são contrapostos a territórios de violência, de tristeza, de decadência, espaços periféricos e chamados de “barra pesada”. **O mapa da cidade é retraçado e recortado por trilhas que ora levam à alegria e ao luxo, ora à violência, à decadência e à dor.**¹¹¹

As discotecas chiques e bares custosos em Boa Viagem e na Boa Vista eram bem vistos e frequentados por aqueles que se entendiam como gays “para frente” e modernos. O tempo do assumir, como defende Paulo Souto Maior, trazia a forte ideia de orgulho que acabou constituindo o novo sujeito, o gay, em detrimento de todas as outras manifestações dos dissidentes de sexo masculinos.¹¹² Logo mais, falarei um pouco sobre a forte repressão policial contra alguns espaços de sociabilidade, mas é necessário questionar quais foram as

¹¹⁰ SILVA, 2011, p. 153-154.

¹¹¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. CEBALLOS, Rodrigo: Trilhas urbanas, armadilhas humanas – a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no nordeste brasileiro dos anos 1970 a 1980. In SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p. 143-144.

¹¹² MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir ou não assumir: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

vítimas mais fáceis de batidas policiais: os homossexuais em pleno céu aberto no parque 13 de maio ou os gays nos bares caros do centro do Recife?

Sabe-se que no centro das grandes cidades a vida noturna e seu fluxo de desejos facilita que indivíduos que compartilham os mesmo desejos se concentrem, mas também “o dispositivo da sexualidade não se detém em conferir à homossexualidade uma demografia - uma base populacional, instaura também uma territorialidade geográfica.”¹¹³ A constituição de uma territorialidade geográfica desses grupos era construída e reforçada pela mídia pernambucana, ao mesmo tempo que a hostilidade e incômodo com o inevitável trânsito nesses espaços era estimulada. Seria fundamental pensar também, o papel desses agrupamentos em espaços específicos na agência desses indivíduos enquanto um grupo social organizado já no final da década de 70, mas este é um assunto para outro trabalho.

Néstor Pelongher, ao estudar a prostituição masculina no centro das regiões morais de São Paulo, aponta para as inúmeras blitz e operações de limpeza que tinham o intuito não de erradicar a população homossexual, mas de distribuí-la em locais específicos. Essa reflexão parece concordar com as de Durval Muniz sobre a necessidade da instauração do modelo da peste - revelação e enquadramento - para um controle efetivo dos corpos. Na cidade do Recife, a delegacia dos costumes era o principal órgão que visava coibir a circulação de travestis, proibir a prostituição e “a aparição pública de homens que burlavam as leis da natureza ao desejarem outros homens, e, ainda por cima, violar as regras sociais ao vestirem roupas e acessórios femininos.”¹¹⁴

As rondas policiais não aconteceram somente em São Paulo, onde o delegado Richetti, na famosa operação Rondon, prendia cerca de 500 pessoas por dia.¹¹⁵ No Recife, a delegacia dos costumes atuava constantemente em ações pedidas e comemoradas nos jornais locais. As prisões aconteciam em curto espaço de tempo, visto que eram justificadas com brechas legais ou na lei de vadiagem, de ato obsceno em lugar público, ou violação da moral e bons costumes. Desde a primeira metade do século XX, a lei de vadiagem, instituída no código penal de 1890, é utilizada para reprimir as práticas sexuais intoleráveis. O objetivo principal era disciplinar os corpos dissidentes ao higienizá-los socialmente.

No final dos anos 70, o Lampião da Esquina noticiou a dura onda repressiva no Recife, especialmente no edifício Holiday¹¹⁶, em Boa viagem, no qual viviam, segundo a reportagem,

¹¹³ PERLONGHER, 1987, p. 48.

¹¹⁴ SILVA, 2011, p. 118.

¹¹⁵ QUINALHA, 2021, p. 73.

¹¹⁶ Construído em 1956, o Holiday tinha 476 apartamentos nos seus dezessete andares. Mais de 3 mil pessoas viviam no prédio.

mais de duzentos homossexuais.¹¹⁷ Num dos bairros mais nobres do Recife, era fundamental estabelecer um alto padrão de “normalidade”, o que justificava a constante intromissão dos agentes do Estado no edifício. Em 1978, Baiardo de Andrade Lima, candidato a deputado por Pernambuco, um ferrenho defensor dos homossexuais e declarou que:

Existem delegados que dão batidas em bares e restaurantes, simplesmente para caçar os homossexuais, enquanto ladrões e assassinos atuam impunemente. A polícia pernambucana prende os homossexuais por puro sadismo, exibicionismo e falso moralismo¹¹⁸

O sadismo de muitas dessas prisões fica claro quando pensamos que muitos desses homossexuais presos enquanto buscavam parceiros viviam outras vidas no seu dia a dia, muitas vezes com famílias heterossexuais, portanto a descoberta da sua sexualidade não era algo almejado. Nesse sentido, a prisão de homossexuais era uma forma de conseguir dinheiro fácil, o medo da revelação de sua sexualidade, tendo em vista que muitas imagens de homossexuais presos saiam nos jornais com os seus nomes, fazia com que as vítimas pagassem propina para os oficiais.¹¹⁹

Nesse tipo de abordagem, encontramos um claro exemplo de mais uma violência, neste caso a psicológica, pelas quais os homossexuais passaram. As travestis também eram alvos principais das operações, tanto porque dificilmente podiam esconder sua identidade de gênero de forma rápida, quanto pela exposição que estavam, visto que a estigmatização as relegavam a prostituição nas ruas.¹²⁰ Como aponta Anne Raquel, para uma travesti na década de 70 “circular pelas ruas da região metropolitana do Recife era como carregar um alvo nas costas, uma verdadeira prova de fogo e luta por sobrevivência.”¹²¹

Enquanto a polícia trabalhava nas ruas, os jornais trabalhavam para dividir a população entre cidadãos de bem e criminosos perversos. A guetificação da homossexualidade marginalizou-a e igualou-a todos os tipos de ilegalidade como drogas, doenças, pedofilia, vadiagem, imoralidade, sujeira, assassinatos, agressão física, crimes e bebidas.¹²² Era toda a construção de um universo simbólico perverso para encaixar esses sujeitos e justificar o saneamento moral dos seus corpos do espaço público.

¹¹⁷ QUINALHA, 2021, p.46.

¹¹⁸ “Um candidato fala mais alto”. *Lampião da Esquina*, n. 6, p. 4, nov. 1978.

¹¹⁹ SILVA, 2011, p. 157-158.

¹²⁰ Houve uma tentativa de criminalizar o travestismo, visto que muitas travestis trabalhavam em empregos formais durante o dia e não podiam ser presas pelo crime de vadiagem.

¹²¹ NASCIMENTO, Anne Raquel da Silva. **Entre o glamour e a marginalidade: a travestilidade no Diário de Pernambuco (1970-1985)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História)- Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022, p. 101.

¹²² QUINALHA, 2021, p. 43.

A ditadura militar brasileira não foi apenas um grande centro de repressão contra “subversivos políticos”, mas também regulador de corpos e sexualidades. Este capítulo explorou a ideia do reforço das normas comportamentais heteronormativas durante o regime militar e a subsequente marginalização dos homossexuais masculinos. Bem como, as formas de sociabilidades crescentes apesar de todas as dificuldades. Considero que no Recife um dos maiores pilares do monitoramento dos dissidentes de gênero e sexo eram os populares artigos de opinião que trabalhavam para perpetuar discursos estigmatizantes e moralizantes contra os homossexuais, com o intuito de estabelecer uma linha clara entre os corpos que importam, da família nuclear e heterossexual, e os corpos que não importam, de todos os dissidentes de gênero e sexo.

4 POR UMA REAÇÃO PURITANA: OS ARTIGOS DE OPINIÃO E A CONSTRUÇÃO DOS HOMOSSEXUAIS COMO ABJETOS.

4.1 Os artigos de Opinião como arma política.

Neste capítulo analisarei uma série de artigos de opinião publicados entre 1970 e 1980 no Diário de Pernambuco, com ampla circulação no Recife. Os artigos aqui analisados tratam dos temas relacionados à homossexualidade, sexualidade em geral, moral e bons costumes. Para analisá-los, é preciso levar em conta que considero o material da imprensa, em especial estes artigos, como um dos pilares do controle dos dissidentes de sexo e gênero na cidade.

No Recife, a lógica discursiva aqui analisada não só se apoiava nas práticas repressivas policiais contra famosos espaços de sociabilidade homossexual na cidade, mas também as estimulava, trabalhando para legitimá-las e para dar-lhes um sentido justo frente à população. Estes eventos não eram só aceitos, mas comemorados por muitos articulistas da mídia pernambucana. Segundo Rita de Cássia, o centro do Recife era extremamente vigiado pela polícia na década de 70, um Brasil “moderno” necessitava de cidades limpas em todos os aspectos, mas o centro da cidade parecia insistir em desdizer os discursos de modernização.¹²³

Tendo em vista esse ponto, analisarei a famosa coluna “Opinião”, que trazia os principais intelectuais da região e, até do país, para escreverem diariamente sobre as principais questões do Brasil e do mundo. Os artigos de opinião, enquanto gênero textual, são marcados pelas características de dissertação e argumentação, nas quais interessa muito mais a análise da posição do autor, do que a apresentação dos acontecimentos sociais em si.¹²⁴

Desse modo, o processo de invenção desse gênero textual passa pela construção e defesa de um ponto de vista com o objetivo final de convencimento. De acordo com Roger Chartier, o autor pensa no leitor desde os primeiros momentos do texto,¹²⁵ nesse caso, o articulista necessita, para exercer seu objetivo, obrigatoriamente produzir efeitos de verdade e legitimidade. O articulista discute um tema relevante na ordem social, econômica, política e cultural daquele momento para convencer o leitor e influenciá-lo, transformando seus valores

¹²³ ARAÚJO, Rita de Cássia Uma “feira de mangaios”: o Recife fotografado no tempo dos generais, 1960-1980. In: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.). **Pernambuco na mira do golpe: direitos humanos, acervos, política e sociedade**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2012. p. 309-344.

¹²⁴ Vale ressaltar que não defendo uma suposta “neutralidade” nas seções de manchetes, apenas afirmo a tomada de posição explícita nos artigos de opinião. Ver RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; ROTH, Desirée Motta. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 154- 183.

¹²⁵ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2007.

através da argumentação que, ao mesmo tempo, defende uma opinião e refuta as opiniões divergentes.¹²⁶

É preciso então compreender o papel de convencimento expresso nestes artigos de opinião e o quão inquietante era a projeção das questões referentes à sexualidade no momento de escrita. Como também nos mecanismos linguísticos de convencimento, tais como os argumentos de autoridade e uso e abuso de fatos históricos na colação narrativa dos sujeitos da operação escrita. Para Doris Cunha:

O artigo de opinião é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito.¹²⁷

Tendo em vista que esta tentativa de convencimento é dirigida, geralmente, há um leitor que já possui determinadas opiniões sobre o tema proposto, cabe ao articulista levar essas posições, favoráveis ou contrárias, em questão para combater argumentos que já antecipou. Sob essa ótica, no artigo de opinião, o autor coloca-se na posição do leitor e justifica suas afirmações com base no que supõe pensar o destinatário, fazendo com que “os sujeitos envolvidos na interação aceitam as ideias discutidas pelo autor.”¹²⁸

Para trabalhar com fontes escritas da imprensa é importante questionar as escolhas jornalísticas e editoriais de determinados acontecimentos: todo discurso está em uma ordem e obedece a uma lógica, salientar aquilo que sai da “normalidade”, chamar atenção, pôr em ênfase e falar não são meras jogadas, mas um processo de disciplinarização e busca da sanidade dos indivíduos. Para Robert Park, as notícias são mecanismos que mantêm os sujeitos "dominados por um estado de espírito comum, que lhes determina o âmbito e o caráter dos interesses e atitudes ou tendências para agir."¹²⁹

Por fim, é preciso ter em mente que muitos dos artigos analisados comentam sobre acontecimentos internacionais e nacionais cujos ecos chamaram atenção dos articulistas. Todavia, é fundamental ter em mente que o público alvo era a população recifense, maiores leitores do jornal. A população alfabetizada, urbana, com acesso à informação e interessada

¹²⁶ BRAKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

¹²⁷ CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 179.

¹²⁸ BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. **O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação**. ReVEL, vol. 7, n. 13, 2009, p. 4.

¹²⁹ PARK, Robert. "A notícia como uma forma de conhecimento". Em STEINBERG, C. [org.] 1970. **Meios de Comunicação de massa**. São Paulo, Cultrix, p. 168-185.

em questões políticas eram os maiores consumidores do periódico. O Diário de Pernambuco parecia trabalhar da mesma maneira que os jornais da grande imprensa do sudeste, configurando determinados indivíduos e, em nome de certos preceitos, combatendo-os com seus escritos.

4.2 Desenhando e narrando: Abjeção à homossexualidade masculina e esquadramento das sexualidades do Recife nos artigos de opinião.

Daí, a importância do ano que se inicia. 1970 é o início de uma nova década. Os futurólogos, como os adivinhos de outrora, querem desvendá-la por antecipação. E os historiadores estudam as suas perspectivas em comparação com a década anterior, semeando esperanças, quando são otimistas, ou desenganos quando são mordidos pelo espírito de Cassandra.

E a pergunta surge, no limiar da nova década que se abre: que irá acontecer ao homem? Qual será o futuro da sociedade? Qual o rumo da história?

Pelo que nos aconteceu nesta desafortunada década de sessenta, não podemos ser otimistas quanto à de setenta. As premissas não permitem conclusões claras. **E que, se registramos um fabuloso progresso material, vimos que entraram em crise os fundamentos morais da sociedade, com a violência erigida em sistema.** Não há paz entre os povos que, como nos piores períodos do passado, se armam e disputam a terra, só não indo à guerra aberta pelo medo do holocausto atômico. **Não há paz nas sociedades, que se dissolvem no repúdio dos valores morais, construídos em séculos de aperfeiçoamento.** E ressurgem os males do passado mais tenebroso, como o racismo, a irreligiosidade e a **corrupção dos costumes** que, em todos os tempos, foram a sentença de morte dos impérios.¹³⁰

Mas a história também nos ensina que, quando as energias vitais não foram esgotadas, o homem reage, mobilizando as forças do bem contra as do mal, e iniciando um novo ciclo de recuperação. Aliás, é por esta forma que marcha a história, em ondas que vão e vêm, em avanços e recuos, através dos quais, do apodrecimento antigo, surge a semente de que há de sair o novo fruto.

Foi assim depois da destruição do Império Romano pelos bárbaros. A cultura refugiou-se nos mosteiros e, aos poucos, foram-se educando os novos senhores, até que se conseguiu o equilíbrio da Idade Média, do qual, um dia, ressurgiu o ideal de beleza do mundo antigo, pelo esforço sublime do Renascimento.

Recife, dia 4 de janeiro de 1970. Esse artigo intitulado “Necessidade de uma reação puritana” foi publicado na coluna “Opinião” do Diário de Pernambuco. Nos primeiros dias do ano, os colunistas aproveitavam para lançar perspectivas para o novo ano e, neste caso, para a nova década que começava. O popular jornalista Theophilo de Andrade, diretor dos Diários Associados do Brasil, escreveu seu primeiro artigo do ano tratando, como o enuncia o próprio título, de um chamado às armas morais frente às transgressões da moralidade dominante que ocorreram na década anterior. Como falado anteriormente, o final da década de 60 e início da 70 é marcado por profundos questionamentos às normas e pudores, mas também pela

¹³⁰ ANDRADE, Theophilo. Necessidade de uma reação puritana. **Diário de Pernambuco**, Recife, 4 jan.1970. Opinião, primeiro caderno, p. 4. Grifo nosso.

formação de espaços de socialização para indivíduos dissidentes e pela sua consolidação enquanto sujeitos públicos.

Os debates acerca do sexo e das drogas, especialmente os estimulados pelo maio de 1968 na França, fomentava o que Foucault chamou de vontade de saber sobre a sexualidade.¹³¹ Desse modo, é possível enxergar um aumento significativo nos discursos opinativos sobre costumes, moral e sexo de modo a atuar na correlação de forças e conclamar uma reação puritana para reverter uma “geração desmoralizada” e instituir o “império dos bons costumes”. Para o autor, a história marcha com avanços e recuos em uma linha teleológica que em determinado momento sempre penderá para a correção de desvios, para ele, isto é o que certamente acontecerá nos anos 70.

As mínimas mudanças sociais parecem ser tópicos sensíveis para Theophilo e frente a essa efervescência cultural da sociedade do pós-guerra como reagir? Seria necessário, então, uma “reação puritana”, tal qual a feita pela Rainha Vitória no século XIX, um exemplo notadamente contraditório e instrumentalizado, tendo em vista que apesar da forte repressão pública no período vitoriano, as práticas privadas continuaram a acontecer e multiplicar-se. Aliás, o uso instrumentalizado do passado aqui é reiterado como o intuito de munir o autor de autoridade e fortalecer a pretensa ideia restauradora que ele pretendia incumbir nos leitores: apesar dos “horrores” morais dos últimos anos, algo pode e deve ser feito.

O uso da expressão “corrupção dos costumes” chama atenção, o que o autor definia exatamente como corrupção dos costumes? Por que o fazia de modo generalista e pouco preciso? Apesar de citar o aumento das constatações, violência e crime dos “hippies”, não cita exemplos específicos, mas podemos entendê-lo como um marcador cultural e um reforço da norma que sinalizava o que deveria ser excluído ou punido e também como um grande guarda-chuva ideológico que tomou conta da retórica moralista dos anos 70. Sendo, portanto, usado para qualquer um que infringisse a norma heteronormativa ou capitalista.

É sintomático entender que o conclave para um império dos costumes foi feito no momento em que a repressão do Ditadura Civil-militar voltava-se para os dissidentes de gênero e sexo. Theophilo era diretor dos Diários Associados, um cargo influente e com uma coluna muito popular que não só refletia os valores da época, mas trabalhava arduamente para consolidá-los, de modo a ser possível a década de 70 “terminar por uma reação puritana, que salve os velhos princípios de decência e dignidade.”¹³² Os discursos acerca da sexualidade

¹³¹ FOUCAULT, 1999, p. 17.

¹³² ANDRADE, 1970, p. 4

repousavam também em uma forte crítica à “permissividade” de parte da sociedade com os novos valores que vinham sendo aventados.

O enfrentamento dos jornalistas não se dava em uma mera dialética de ação e reação, mas na tentativa de influir sobre os seus leitores. Aproveitando uma chacina em Los Angeles, o jornalista Plínio de Oliveira convidava, em um dos seus artigos de opinião, os seus leitores com o pensamento “prá-frente”, a refletirem sobre os feitos de “satã e seus adeptos” na sociedade daquele momento. Para o autor, as ideias “generosas” de exclusão das diferenças e tolerâncias eliminaram restrições que mantinham determinados sujeitos nas margens e aproximou-os das pessoas de bem, como o criminoso Charles Manson, autor da chacina:

Seu grupo de hippies, vivendo alegremente à margem de todos os princípios de bom senso, higiene, de correção, adotou o nomadismo, e passou a perambular de um lugar para o outro. Tudo isto chocaria os princípios de outrora. Dar a liderança de um grupo a um ex-sentenciado era uma vergonha. Aceitar o poder hipnótico dele, uma loucura. Expatriar-se das rodas de gente limpa, correta e decente é um sinal de demência. Adotar o nomadismo, um desatino, um pacto ignóbil com a vagabundagem. Mas entre os espectadores do fenômeno, muita gente “generosa” por certo sorriu: Porque coarctar a mocidade nos caprichos que lhe são tão próprios? **Aos velhos tabus de outrora faltava generosidade. Eles proibiam, vetaram, comprimiam. Portanto, complexam. A bondade consiste em tolerar, em permitir, em concordar.[...]**, Mas objetaria alguém “fora do vento”, que poderia sair dessa promiscuidade sexual entre os nômades?[...] O que vai sair da promiscuidade? O amor, o prazer. Deixem os jovens que se divirtam. É da idade.[...] O mais que importa? Estamos na aurora da sociedade permissiva, em que por largueza das ideias tudo se aceita. E dá certo. Em Londres realizou-se um ato sexual em pleno palco, num teatro cheio: e a casa não caiu. **Na Suécia abriu-se a porta para as ligações homossexuais.[...] Então que utilidade têm os tabus da velha civilização se tudo se passa bem sem elas? Assim argumentam os “generosos”.** Vistos com “compreensão” por todo um setor de gente “decente-permissiva”, Manson e seu bando foram valentemente “prá-frente”, permitindo-se mais e mais desatinos. Vontade de sensações fortes? Aí está o haxixe ou o LSD. Vontade de violentas orgias? É só atirar-se nelas. Vontade de experiências mentais aventureosas? Manson está à mão para abrir as portas das sombrias regiões do hipnotismo. O gosto da extravagância é insaciável.¹³³

A mensagem era clara: a relativa tolerância e o deixar passar estava no cerne do aumento da “imoralidade”. Ainda há uma ligação direta entre “promiscuidade sexual”, homossexualidade e crimes violentos. Era, portanto, fundamental agir, não tolerar e contribuir para os adeptos de “satã”, definidos como frequentadores de orgias, usuários de drogas e homossexuais. Além da ligação desses sujeitos a crimes perversos, havia ainda a formação de dois grupos: pessoas de bem, limpas, higiênicas, trabalhadoras, vivendo em seus círculos sociais, trabalhando, portanto, economicamente úteis, enquanto os “outros” seriam aqueles

¹³³ OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. “Pra frente”, ao sopro da generosidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 mar. 1970. Opinião, segundo caderno, p. 10. Grifo nosso.

sujos, usuários de LSD, vagabundos que acabariam inevitavelmente na criminalidade. Entre esses péssimos exemplos de indivíduos fomentados pela permissividade social estavam os homossexuais, evidenciados na preocupação do autor com a Suécia que estaria abrindo portas para algum tipo de ligação entre esses sujeitos.

É fundamental observar a ideia explícita desenvolvida pelo escritor, na qual a perversão da função “natural”, “correta” e “útil do sexo estava no cerne dos crimes praticados pelos frutos dessa promiscuidade no futuro. O jornalista Plínio Oliveira termina o artigo com a seguinte questão:

Serão eles os mais culpados? Não, mil vezes não. Tivessem eles encontrado em torno de si, na gente decente uma opinião pública firme e unânime, que lhes incutisse o respeito religioso à lei moral, às conveniências, às boas maneiras, ao asseio, e provavelmente logo nos primeiros passos teriam parado ou até recuado. [...]. Sim, esses “generosos”, sempre iguais a si mesmos também em outros campos. Dizendo-se católicos, abrem portas ao ateísmo. Dizendo-se moderados, estão sempre a apoiar os comunistas, deste ou daquele modo. E dizendo-se amigos de todos, têm sempre um “slogan” ultrajante para quem põe o dedo na chaga de sua tonta ou falsa generosidade.¹³⁴

Dessa maneira, o autor afirma que os atos envolvendo estes indivíduos ligados ao “submundo” tem apenas um culpado: o generoso. Se houvesse um batalhão de uma opinião pública que procurasse promover o respeito religioso e a obediência a suas leis morais, nada disso teria acontecido. Portanto, caberia incutir na opinião pública o fim da permissividade e das ideias largas que acabariam, além do crime, segundo o autor, no apoio ao “comunismo e ao ateísmo”.

Nota-se, a confusão e largueza dos conceitos, inclusive o do comunismo, como argumentado por Rômulo Gomes, cabendo a esse conceito a amplitude necessária para encaixar tudo que fosse considerado ruim por grande parte da sociedade.¹³⁵ Segundo Erinaldo Cavalcanti, os comunistas tornaram-se “sujeitos singularizados, na medida em que os discursos os selecionavam enquanto um corpo específico, diferenciando-os dos padrões sociais ditos normais”.¹³⁶ Esse processo de singularização de determinados corpos se dava também nos constantes pedidos explícitos de jornalistas para uma maior repressão de rua contra os homossexuais, quando não uma clara comemoração sobre as batidas policiais no Recife.

¹³⁴ *Ibid.*

¹³⁵ GOMES, 2017, p. 81-82.

¹³⁶ CAVALCANTI, Erinaldo. Literatura como arma política: crônica jornalística como estratégia de combate à “ameaça comunista”. In: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.). **Pernambuco na mira do golpe: direitos humanos, acervos, política e sociedade**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2012. p. 263.

Em 31 de janeiro de 1970, o jornalista Luis Cysneiros publicava a coluna intitulada “Parabéns, Coronel”, na qual comemorava a medida do coronel Gastão Barbosa Fernandes que prenderia “cachaceiros e homossexuais” que estivessem nas ruas da cidade durante os festejos do Momo. Segundo o autor:

Esse argumento que se costuma invocar, com misericordiosa atenuante, de que o homossexualismo é uma doença esquisita, permanece válido e incontestável. Acontece, todavia, que os hospitais e os sanatórios aí estão para receber também essa espécie de enfermos. Não nos consta, no entanto, que qualquer deles tenha procurado os serviços médicos especializados para atendê-los...

Não será demais relatar um fato lamentabilíssimo, de que fomos testemunhas, no último sábado gordo. **Um rapaz de boa família, bem-posto e de fino trato, se encontrava numa fila de ônibus, acompanhado da noiva, uma garota de dezessete anos, no máximo. É quando chega um desses pederastas atrevidos - olhos esbugalhados, chorando maconha e larga provocação e voz alta e debochada.**

– Que é que há, amôr, você com essa mulher na minha cara?

Uma bofetada sonora acabou com a festa.[...] Um detalhe constrangedor para todos os presentes: encostada numa coluna do edifício, a jovem noiva chorava, copiosamente, aos olhos de uma pequena multidão de onde partiam as mais impiedosas galhofas¹³⁷.

Luis evoca, neste artigo, um discurso amplamente difundido: o homossexual era um doente. Michel Foucault, no livro *História da Sexualidade I*, argumenta que, em um processo de nomeação e hierarquização, o discurso médico criou uma norma, a heterossexualidade, que emergiu só depois da consolidação do desvio, a homossexualidade. Havia uma lógica a favor da necessidade de reproduzir a força de trabalho, assegurando o povoamento por meio de relações sexuais economicamente úteis.¹³⁸ Homens que se relacionavam com outros homens tornaram-se, por meio do discurso médico, anormais psicológicos, doentes, pervertidos sexuais e desviantes do sentido “natural” da procriação.

Até a década de 90, a Organização Mundial da Saúde (OMS) ainda considerava a homossexualidade como doença. Esse discurso reverberava de modo muito forte e presente quando os homossexuais saíam às ruas, especialmente nos dias de carnaval, que, segundo James Green, era ao mesmo tempo, um espaço de expressão e visibilidade, mas também de reforço de certos estereótipos. O ponto-chave é que, se conectar essa comemoração midiática ao apelo feito pelos outros dois jornalistas, percebe-se que “a sociedade dominante do Brasil acomodou-se de forma relutante e desigual à expansão de territórios homossexuais durante as festas carnavalescas.”¹³⁹

¹³⁷ CYSNEIROS, Luis. Parabéns, Coronel. **Diário de Pernambuco**. Recife, 31 jan. 1970. Bastidores da Política, primeiro caderno, p. 7. Grifo nosso.

¹³⁸ FOUCAULT, 1999, 38-47.

¹³⁹ GREEN, 2022, p. 345.

Ainda no texto, fica claro que a formação de determinadas barreiras que separam “nós” e “eles” é mais uma vez objetiva: um rapaz de “boa família”, bem-vestido e com boa postura acompanhava sua namorada quando foi atrapalhado por um “pederasta”¹⁴⁰, supostamente drogado, de olhos esbugalhados e debochado. Aqui já foi falado dos estereótipos do deboche e da provocação frequentemente ligados aos homossexuais, como também da constante ligação entre esses indivíduos e o uso de entorpecentes e alucinógenos, algo que só confirmava, mais uma vez, que os homossexuais eram indivíduos mentalmente instáveis, desrespeitosos, sujos e violentos.

Entendo que esse processo contribuiu para a formação de uma profunda abjeção contra os corpos homossexuais masculinos. Para a filósofa Julia Kristeva, a abjeção é uma espécie de reação dura e hostil contra uma ameaça potencial, definida como aquela que está além das fronteiras do que é possível aceitar. O abjeto é aquele que não respeita esses limites de tolerância, perturbando a ordem e a identidade ao negar os padrões normativos.¹⁴¹ Judith Butler aprofunda essa noção ao ligar a abjeção à materialidade daqueles corpos cuja materialidade “não é importante”, ou seja, aqueles cuja existência é irrelevante ou indigna de reconhecimento.¹⁴²

O uso constante de adjetivos, metáforas e eufemismos sempre que os articulistas queriam referir-se aos homossexuais atuam no desenho desses sujeitos para a população recifense. Não só os construindo, mas seguindo um dos objetivos dos artigos de opinião: prever a opinião do leitor e tratar de refutar qualquer simpatia “generosa” que alguém venha ter por eles. Todavia, não se deve pensar os escritos como algo menor no campo social, sem efetivação prática na realidade. Quando certos corpos e práticas são tornados abjetos no discurso midiático, como no Diário de Pernambuco, não se trata de uma simples exposição: trata-se da instituição de regimes de visibilidade e invisibilidade que afirmam quem pode ou não ocupar o espaço público e sob quais condições pode fazê-lo. Para Judith Butler, “a norma do sexo exerce sua influência na medida em que é “citada” como norma, mas também faz derivar seu poder das citações que impõe.”¹⁴³

Logo, o projeto de suscitar a reprovação pública contra certos corpos em nome de uma coesão heterossexual fez dos artigos de opinião um instrumento para marginalizar e coagir corpos que não importam, incluindo-os em uma ordem discursiva para que a exclusão

¹⁴⁰ O termo “pederasta” era comum nos artigos e notícias do Diário de Pernambuco para nomear os homossexuais masculinos. Neste contexto, o adjetivo adquiri um sentido pejorativo, muitas vezes ligados a relação de homens adultos com menores de idade, sendo, portanto, ligado à pedofilia.

¹⁴¹ KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror: An Essay on Abjection**. Columbia University. New York, 1982.

¹⁴² BUTLER, 2019, 68.

¹⁴³ BUTLER, 2019, p. 36.

se tornasse visível.¹⁴⁴ Assim, a necessária e reiterada identificação com o “fantasma normativo do sexo”, chamada por Butler de performatividade de gênero, é feito mediante um repúdio ao abjeto e na delimitação do que se define como humano.¹⁴⁵ Esses textos trabalharam em uma ordem discursiva de dimensão normativa que se articularam com tabus, proibições, ameaças, adjetivos, estigmas e atos performativos que produziram o campo de indivíduos sexuais viáveis e os inviáveis. Desse modo:

A força normativa da performatividade – seu poder de estabelecer o que se qualifica como um “ser” – é exercida não só por meio de reiteração, mas também pela exclusão. E, no caso dos corpos, tais exclusões ameaçam a significação constituindo suas fronteiras abjetas ou aquilo que está estritamente forcluído: o não-vivível, o inenarrável, o traumático.¹⁴⁶

Sob esse aspecto, o que é negado, silenciado, apagado, transformado em abjeto na formação de um sujeito, é essencial para determiná-lo, é uma negatividade definidora. Em Pernambuco, o processo de construção de abjeção foi muito relevante no contexto dos altos padrões de masculinidade local, e da ditadura civil-militar. Antes do golpe de 1964, o Estado era considerado a “Cuba Brasileira”, pela sua forte organização de trabalhadores urbanos e rurais, especialmente as ligas camponesas e os sindicatos. Esse panorama de ebulição social gerou um forte temor e o consequente reforço do controle sobre todas as dissidências, fossem elas políticas ou sexuais.¹⁴⁷

Os confrontos entre aceitações e resistências de certa forma permeiam a História da homossexualidade até a contemporaneidade. No carnaval, esses conflitos eram bastante acentuados. Ao longo de toda a década de 70 é possível acompanhar o embate entre polícia e homossexuais organizados em defesa do direito de brincar o carnaval de rua no Recife. Um dos pontos mais visíveis do notório incômodo causado pelos corpos públicos dos homossexuais concentraram-se nos primeiros meses do ano: época do carnaval. Segundo Sandro Silva, em quase todos os anos da década de 70, os bailes das “bonecas” eram alvos de proibições e de licenças vigiadas, bem como a mera participação de homossexuais em blocos,

¹⁴⁴ MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. A notícia como forma de controle social. **Contracampo – Revista de Comunicação**, Niterói, v. 17, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17414>. Acesso em: 13 mar. 2025, p. 10

¹⁴⁵ BUTLER, 2019, p. 28-33.

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 315.

¹⁴⁷ Em Outubro de 1960, o The New York Time publicou na primeira página a matéria intitulada “Pobreza no Nordeste do Brasil gera ameaça de Revolta”. Ver MONTENEGRO, Antonio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano. Vol. 3** -O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

maracatus e festejos. Em 1970, “as travestis e os homossexuais que fossem vistos nas ruas, mesmo observando “quietinhos” o movimento, ficariam presos durante 72 horas.”¹⁴⁸

No ano seguinte, em 1971, o delegado de costumes, Mário Alencar anunciava que a polícia fiscalizaria a exibição de travestis em todo o Estado:

A Polícia vai exercer rigorosa fiscalização contra **os homossexuais e homens normais**, que durante as festividades carnavalescas se pintam ou se fantasiam com indumentárias femininas.[...] Os homossexuais, que nas ruas não se comportarem com respeito, serão recolhidos ao xadrez e liberados somente na quarta-feira de Cinzas.

“Sou um folião fanático, mas, como delegado de Costumes, sou forçado a reprimir os abusos e excessos. **Acho até gozado os homossexuais vestidos de mulheres**, fazendo evoluções ao ritmo do frevo, mas fantasias dessa espécie trazem graves problemas para a polícia, e, por isso, tenho o dever de proibi-los”. [...] “**No Nordeste, e especialmente no Recife, um homem tem que ser macho, e o homossexual é condenado por todos.**”¹⁴⁹

A formulação, no discurso do delegado, de uma separação entre homossexuais e homens normais é reforçada no trecho final, no qual a região Nordeste é apresentada como uma reserva de virilidade nacional, lá o homem teria que ser macho, sendo a homossexualidade condenada por todos. Contudo, segundo Durval Muniz, o sexo entre homens, antes da constituição do sujeito homossexual no Nordeste, era uma prática comum em determinado momento da infância e adolescência dos jovens na região. Não só comum, mas necessário na formação da masculinidade de um jovem, ao reforçar uma série de hierarquias da sociedade:

Hierarquia de idade: os meninos mais velhos tendem a utilizar sua maior força, experiência e esperteza para levar os meninos mais novos a exercerem o papel feminino na relação sexual. **Hierarquia de classe:** os meninos mais ricos e poderosos tendem a se utilizar dos meninos mais pobres e sujeitos socialmente como seus objetos sexuais. **Hierarquia de cor:** os meninos brancos, numa continuidade clara das relações escravistas, tendem a usar os moleques de cor como suas “mu-lherzinhas”¹⁵⁰.

Pergunto-me em que momento as práticas homoeróticas deixaram de ser parte da formação masculina dos nordestinos e se tornaram o seu contrário? Antes, em uma sociedade centrada no falo, o homoerótico era uma fase na preparação para o masculino e não seu contrário, ou seja, penetrar outro homem era o maior exemplo de virilidade, pois “a

¹⁴⁸ SILVA, 2011, p. 120.

¹⁴⁹ Polícia fiscalizará exibição de travesti. **Diário de Pernambuco**. Recife, 02 de fev. 1971, segundo caderno, p. 1.

¹⁵⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 1243.

nordestinidade exclui a homossexualidade, mas não necessariamente o homoerótico.”¹⁵¹ A crise da família patriarcal, da masculinidade hegemônica, a formação de uma visão mais individualista do corpo, não mais controlado pela família, e a proliferação de masculinidades diversas levará a uma relativização de determinadas fronteiras e ao pânico de muitos setores com o que Duval chama de deslocamento do feminino.¹⁵²

A inserção das mulheres naquilo conhecido como mundo dos homens gerou uma exclusão também do homoerótico mediante um processo de promoção da rejeição a este sujeito público e mediatizado. A masculinidade, enquanto um campo de disputa de valores morais no jogo discursivo, sustenta-se por uma série de assimetrias e hierarquias, variando consoante os modelos hegemônicos e subordinados. Contudo, como aponta Vale Almeida, a masculinidade não é um dado natural, mas um modelo que se estabelece através da constante manutenção em “um processo social frágil, vigiado, autovigiado e disputado.”¹⁵³ Logo, podemos entender o processo de vigia ou exame colocado em vários desses artigos para lembrar os cidadãos recifenses que tipo de “macho” eles eram ou deveriam ser.

Vejamos mais um caso do necessário reforço e alerta sobre a masculinidade no Estado. O jornalista Amaury Pedrosa publicou ao longo dos anos 70 uma coluna na seção Opinião do Diário de Pernambuco intitulada “Pernambuco visto do Rio: O Estado e a imagem”. A coluna consistia na análise das relações sociais, culturais, econômicas e imagéticas entre o Estado de Pernambuco e o Rio de Janeiro, mas não só, o foco também era ver como Pernambuco era visto no sudeste e sul. Havia uma impressão, por vezes correta, de que uma campanha pública de depreciação era formulada contra Pernambuco por parte da imprensa do Rio e de São Paulo, com a publicação de notícias extremamente negativas. Amaury Pedrosa, na coluna de 12 de fevereiro de 1973, observa que, finalmente, a fama da rebeldia, inconformismo e bravura da “pernambucanidade” era reconhecida, firmeza só comparada no Brasil a dos gaúchos e uma inteligência só comparada a dos baianos.

Contudo, o autor revela que havia uma preocupação do escritório do Governo de Pernambuco no Rio, em como o Estado era visto e para isso solicitou um levantamento das notícias sobre o achincalhamento do Estado. Notou-se que, por meio do levantamento de 109 publicações entre fevereiro e setembro de 1972, a mídia do sudeste voltava a construir uma imagem “parva, gaiata e desfrutável do Estado”:

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 1257.

¹⁵² Sobre a crise da família patriarcal, Ver FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954.

¹⁵³ DE ALMEIDA, Miguel Vale. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário antropológico**, v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996.

Compreende-se que o pitoresco tenha, por si mesmo, grande atrativo jornalístico. As coisas típicas locais, descritas com certo colorido jocoso, movimentam as colunas, dão-lhes vivacidade. Vez por outra, vá lá. Mas, nunca tomar assinatura permanente contra um Estado, deformando-lhe a imagem grotescamente. Por exemplo, *O Jornal* na sua edição de 21 de abril de 1972, noticiando “um caso” de fabricação popular de afrodisíaco chegou ao ponto de reconhecer — **“Recife é a cidade brasileira recordista em fatos pitorescos”**.

E o mais chocante é que esse noticiário não é fabricado no Rio ou São Paulo, mas, diretamente transmitido do Recife. Nós somos “pichados” de dentro para fora, pelos nossos próprios conterrâneos. [...]

Título: Tantã negativo. Texto: **Padre Henrique Monteiro preso em Vitória de Santo Antão quando coletava dinheiro para um Congresso de Homossexuais em Caruaru. Tamanho: 9 linhas. *O Jornal*, 30 de abril de 1972. Sobre esse Congresso de Homossexuais outros jornais abriam colunas..[...]**

Com a leitura desses 18 exemplos selecionados entre 109, pode-se fazer uma idéia de como se **pretendeu transformar Pernambuco num verdadeiro "mundo cão", habitado por sub- gente, e de uma existência quando não risível, repugnante.** Note-se que semelhante matéria vem sempre colocada com destaque, em páginas nobres, nos melhores jornais da chamada grande imprensa brasileira. Há, sem dúvida, uma preocupação constante dos órgãos estaduais responsáveis de, através da imprensa, manter no Rio e São Paulo uma otimista imagem do nosso Estado. Isto porque notícias tónicas são úteis, podendo decidir, por exemplo, que um determinado investimento de vulto venha se localizar em Pernambuco, e não em outro Estado vizinho e disputante. **Mas, como criar um ambiente sadio e construtivo se, no mesmo jornal e às vezes na mesma página, há uma gaiatice escandalosa que atrai logo a atenção e que desprimorosamente nos desconceitua, anulando toda a propaganda positiva que se possa fazer!?**¹⁵⁴

A adjetivação aqui é utilizada com caráter fortemente nominativo, enviesada de negatividade e juízo de valor para referir-se a questões da sexualidade: o pitoresco, o jocoso. A mera menção a um congresso de homossexuais em Pernambuco seria capaz de enviesar a visão do Estado em outras regiões e de retrair vultuosos investimentos? Não é possível afirmar, mas que a preocupação central da coluna, a imagem de Pernambuco e do Recife, sim, estas sofreriam variações. O autor trabalha para estabelecer uma clara barreira entre as pessoas de “existência risível e repugnante” e àqueles cujas vidas importam. É a lembrança de que a construção do ser humano passa por uma operação diferencial de quem é mais ou menos humano e de que a defesa e constituição dessas barreiras eram fundamentais.

Em 1972, mais um caso contrapôs a “pernambucanidade” e a homossexualidade masculina. Estudantes do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), escolheram o costureiro Denner como seu paraninfo, em uma votação cujo opositor era o escritor Ariano Suassuna. A vitória do costureiro de 16 a 2 sob o célebre escritor gerou uma grande polêmica na mídia pernambucana sobre os limites da publicização

¹⁵⁴ PEDROSA, Amaury. Pernambuco Visto do Rio: O Estado e a Imagem. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 de fevereiro de 1973. Opinião, primeiro caderno, p.4. Grifo nosso.

dos homossexuais na TV e os seus impactos na juventude, tendo em vista a votação expressiva do popular Denner no caso da Unicap. O Diário de Pernambuco, em 20 de maio de 1972, reproduz um artigo de Opinião publicado pelo jornalista David Nasser no jornal o Cruzeiro:

Seriam culpadas as libélulas? Ou culpa maior cabe a nós, da imprensa, que lhe abríamos e abrimos páginas e páginas, à televisão, que dá o tempo educativo para a universidade nacional do homossexualismo; ao Estado que cede a grande alcova de contestação que é o palco do Municipal; às boas, que promovem os travestis; ao cinema que difunde gloriosamente as suas taras, se é doença, ou as suas perversões, se é por gosto? Não, não há desculpa. **Se é enfermidade, por que a exibir por todos os meios, utilizando-se do complexo moderno, levando a chaga, o estigma, o engano, a todos os lares, transformando a mazela num exemplo, derrubando a resistência que a vergonha fortalece até por toda uma vida?** Quantos meninos reagiram e hoje são honrados pais de família. Sei de um que é padre. **Não da se não a extrema unção.** Fala grosso, e quando encontra seus companheiros de pelada, olha-os ativamente. **Porque todos sabem e reconhecem que, a queimar rodinha ele preferiu a abstinência.** [...] Há-os entre os índios? Oh, por Deus, não. Que eles tenham florescendo entre os helênicos, que os de pompeia os criassem, que César tenha caído nas espanhas, mas nos poupe a Funai está decepção a mais. Nunca nos revele xavantes, cintas-largas ou terenos que desmunhequem no Y-Juca Pirama!¹⁵⁵

Neste trecho, é possível observar a relação conflituosa, abordada no capítulo passado, causada pela constante aparição dos homossexuais de forma pública e midiaticizada. Notemos que a aparição gera a necessidade de falar mais e mais sobre a homossexualidade. O jornalista David Nasser, assim como Theophilo de Andrade e Plínio Corrêa, nota que a aparição e a homenagem a homossexuais, como Denner, atua levemente para derrubar barreiras de “vergonha” por parte da sociedade, processo chamado por Plínio de avanços das “ideias generosas”.

O autor classifica a homossexualidade como doença, portanto passível de cura, citando dois exemplos de “curados”, que acaba por não ser uma cura no sentido de finalizar a “doença”, mas apenas de reprimi-la e ignorá-la. Era comum naquele momento, especialmente em setores religiosos, a distinção entre tendências homossexuais e os atos sexuais homossexuais propriamente.¹⁵⁶ Estes seriam classificados como luxúria, pecado e um desvio de finalidade da procriação, aqueles não são tidos como pecaminosos e estimulados a promoverem uma perseverança no controle dessas tendências.¹⁵⁷ Desse modo, o padre que

¹⁵⁵ David Nasser | Denner. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 de maio. 1972, segundo caderno, p. 3.

¹⁵⁶ É possível observar esses discursos e formulações em alguns segmentos religiosos no Brasil atual.

¹⁵⁷ A posição oficial da Igreja Católica, especialmente, frente a homossexualidade mudou muito ao longo dos anos. Esta formulação é observada na *Carta aos Bispos sobre atendimento pastoral das pessoas homossexuais, feita pela Congregação para a Doutrina da Fé*, quando o Cardeal Joseph Ratzinger, posteriormente Papa Bento XVI, era diretor. Ver **Carta aos Bispos sobre atendimento pastoral das pessoas homossexuais**. Roma: Congregação para a Doutrina da Fé, 1986. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexu_al-persons_po.html> Acesso em: 19 fev. 2025.

“não dá se não a extrema unção”, e o rapaz que fala grosso, jogo futebol, preferiram abdicar a sexualidade para não “queimar a rodinha”, na elegante ironia do jornalista.

Durval Muniz, ao analisar os discursos religiosos sobre a homossexualidade, notou que o homossexual digno de respeito para os discursos cristãos seria aquele que opta pelo silêncio e pelas sombras. A Igreja Católica não aceita que o homossexual “se torne um sujeito de direitos, um sujeito público e político”¹⁵⁸ Podemos pensar que usando desses mesmos embasamentos, grande parte do material jornalístico do Diário de Pernambuco também não aceitava este dado? Penso que sim. O sexo virou assunto de polícia para a mídia, como no discurso do delegado Mário Alencar, não por uma mera proibição, mas pela regulação de discursos públicos e instituição de verdades.¹⁵⁹

Além das questões relacionadas às masculinidades, é importante para o entendimento destes textos o cruzamento entre os saberes religiosos, médicos e jurídicos. No setor religioso católico, aquele que peca, tem a obrigação de revelar seu pecado ao confessor, que guarda o silêncio sobre a sua confissão. O homossexual público era uma revelação ambulante, muitas vezes atrelado a ainda incipiente ideia do assumir, o que quebrava a ordem do silêncio, criava verdades e individualizava os sujeitos. O poder da Igreja ainda era grande no Nordeste dos anos 70, a população muito religiosa repetia e concordava com os pressupostos básicos do catolicismo sobre a sexualidade. Não há como ignorar a influência dos saberes e verdades da religiosidade ao analisar os discursos sobre a homossexualidade em Pernambuco.

O incômodo com as figuras homossexuais como Denner, Clóvis Bornay e Clodovil se repete diversas vezes nos anos 70 no Diário de Pernambuco. Ainda em 1972, um artigo publicado no periódico, intitulado “Os Indesejáveis”, repercutiu a recomendação feita pela censura federal para que esses sujeitos não aparecessem mais na televisão, o juiz de menores da cidade de Belo Horizonte, Aníbal Pacheco, comemorava a censura e ressaltava que não era viável para a juventude colocar à vista de todos esses sujeitos “com suas homéricas ausências de virilidade.”¹⁶⁰ Já em 1976, o artigo a intitulado “O Intruso da TV”, mostra um apelo direto do Ministro da Educação e Cultura, à época Ney Braga, para que os donos de televisão do Brasil evitem a perigosa função descaracterizada da nossa cultura que grande parte dos programas está exercendo”.¹⁶¹

¹⁵⁸ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 83.

¹⁵⁹FOUCAULT, 1999, p. 28.

¹⁶⁰Os indesejáveis da televisão”. **Diário de Pernambuco**. Recife, 07 de mai. 1972, Reportagem, primeiro caderno, p. 26.

¹⁶¹O intruso da TV. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 de out de 1976, Viver, seção B, p. 1.

Nota-se, portanto, dois pontos principais nesses dois artigos: os usos dos adjetivos “intrusos” e “indesejáveis” nos títulos e o receio de um público suscetível a qualquer tipo de influência. Os dois termos trabalham na construção da ideia de que os homossexuais mostrados na TV ocupavam um lugar que não lhes era devido. Por que? A intrusão de sujeitos não heteronormativos não era desejável pelo efeito pernicioso de descaracterização de qual cultura especialmente? É importante observar uma noção do público brasileiro quase infantilizado, inocente frente às questões comportamentais.

Para o autor do segundo artigo, “as pessoas não podem estar em suas casas, à mercê desse chiquinho que, igual a um assaltante, arromba impunemente as casas com suas besteiras à tira-colo.” O abrir as portas para o homossexual público, falante, visto, e ouvido era uma ameaça, apesar da vontade de apagá-los, isso não era mais possível, então a revelação surge sob a circunstância de incômodo, desfeita e despeito. Além dessas questões, havia uma grande curiosidade e interesse por esse corpo que perturbava e fascinava, que “está ali, bem perto, mas não pode ser assimilado. Súplica, preocupa e fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Apreensivo, o desejo se desvia; enjoado, ele rejeita.”¹⁶²

A abjeção é, portanto, um processo de julgamento e afeto, onde a condenação e anseio misturam-se na produção de uma abjeção e de curiosidade. Em 1976, o Diário de Pernambuco veiculava o artigo “Tudo o que você deve saber sobre o homossexualismo”, artigo que trazia na capa a imagem de uma travesti, abaixo da foto a definição: “Nos travestis, os gestos são bem femininos.” Algumas considerações são essenciais: primeiro o uso do pronome masculino para referir-se às travestis, prática usual jornalística naquele momento, e a afirmação enunciada no título de que a verdade absoluta sobre a homossexualidade estaria em meia página de uma seção do Diário de Pernambuco. Realmente, o texto tem uma pretensão absolutista e finalista pelo abuso de teorias científicas ainda muito populares naquele momento.

O texto sustenta-se na ideia do médico Nelson Chaves de que na fase da gametogênese o “indivíduo pode nascer normal ou portador de uma série de anormalidades morfológicas e fisiológicas entre as quais as de ordem sexual”, sendo os indivíduos divididos, biologicamente em masculinos e femininos, com casos raros de hermafroditas e indícios de alguns intermediários, com uma mistura de partes masculinas e femininas. Para o autor, a sexualidade é formada por esses fatores genéticos, hormonais e também culturais, quando em um indivíduos há os dois sexos com predominância de um sobre o outro, haveria um indivíduo homossexual:

¹⁶² KRISTEVA, 1982, p. 1.

Para ele, **os portadores de intersexualidade têm tanta culpa de seu desequilíbrio biológico como aqueles que são portadores de insuficiência pancreática, adrenal, etc., ou em outros termos, não têm culpa alguma: são vítimas.** Se existem potencialidades femininas acentuadas em muitos homens, ou masculinas em muitas mulheres, devido a maiores quantidades de determinados gens ou hormônios, essas potencialidades podem-se desenvolver sob o efeito dos fatores do meio, entre os quais os de ordem econômica-sociais”. “O homossexualismo”, observa, baseia-se na existência de um estado de bissexualidade dos indivíduos, com fenótipo do sexo masculino ou feminino, havendo, sem dúvida, uma base biológica, anatômica e funcional, que os impele a praticá-la. **Devemos considerar no homossexualismo os fatores biológicos e os de ordem sócio-cultural. Há, indubitavelmente, uma grande influência do nível educacional, do meio social e das condições de vida. Nos internatos e prisões, por exemplo, é frequente a prática do homossexualismo.**¹⁶³

O uso de argumentos de autoridade, no caso do médico Nelson Chaves, para explicar a homossexualidade e seu estado de interstício entre o “masculino” e o “feminino” se constroem como numa confusão generalizada entre sexo, orientação sexual e identidade de gênero. Pode-se argumentar que essas noções não eram popularizadas como hoje, mas é justamente este o ponto: o discurso médico-científico era usado para sanar uma curiosidade crescente da população recifense sobre os homossexuais. O reconhecimento dos fatores culturais e sociais como influentes na sexualidade se dá a partir de uma lógica também hierárquica: qual os meios que favoreciam a homossexualidade? As regiões menos valorizadas da sociedade, os internados e as prisões.

Há, ainda, um alerta implícito nessa reportagem:

Na fase pré-puberal e mesmo na puberdade, os rapazes fazem despertar interesse sexual nos indivíduos que apresentam tendências homossexuais. É comum o homossexualismo manifestar-se nessa idade e desaparecer posteriormente. Contudo, nos meninos que geneticamente apresentam acentuadas predominâncias de masculinidade reduzem-se os perigos dessa fase, porque a diferenciação sexual, no sentido masculino, faz-se mais precoce energeticamente.

Na mulher, a idade perigosa é o climatério, o qual compreende o período que antecede a menopausa - que é o desaparecimento definitivo da menstruação - e outro que o segue. **Nas mulheres de tipo feminino puro, “observa Nelson Chaves”, o climatério instala-se e prossegue mais tranquilamente; nas de tipo virilóide, porém, aparecem transtornos mais ou menos acentuados inclusive os de comportamento. Quando diminui a secreção interna dos ovários, ou mesmo desaparece, há uma espécie de libertação do sexo masculino que estava oculto ou adormecido. [...] Uma vez aberta a porta que antes estava fechada, o sexo oposto aparece.**¹⁶⁴

¹⁶³ Tudo o que você deve saber sobre o homossexualismo. **Diário de Pernambuco.** Recife, 28 de dezembro de 1976, Feminino, B-2.

¹⁶⁴ Tudo o que você deve saber sobre o homossexualismo. **Diário de Pernambuco.** Recife, 28 de dezembro de 1976, Feminino, B-2.

Haveria, então, na fase da puberdade para adolescentes do sexo masculino uma potencialidade maior de perigo, necessitando, portanto, uma atenção maior para com os jovens. Como falado anteriormente, os artigos de opinião, para produzirem efeitos de verdade, usam e abusam de argumentos de referências a especialistas para transformar ou criar uma visão do leitor. A ideia, corroborada pelo apelo à autoridade, de que alguns meninos têm geneticamente, portanto biologicamente, uma acentuada predominância de “masculinidade”, logo menos tendência a homossexualidade nessa fase, esbarra nas seguintes perguntas: a masculinidade é algo natural e de qual masculinidade fala especificamente o autor?

O ideal de masculinidade da segunda metade do século XIX e início do XX não é mais o que está em discussão na década de 70. É importante observar uma rara menção a homossexualidade feminina, por mais que não expressamente escrita dessa maneira, o autor afirma a idade “perigosa” para a mulher: o climatério, período que antecede a menopausa, e o que vem depois. Nos homens, a homossexualidade poderia vir no início da juventude e depois desaparecer, mas nas mulheres viria, segundo o médico, na maturidade. Claro, não em todas as mulheres, as do tipo “feminino puro” continuaram nas suas “funções regulares de gênero”, mas nas “virilóides”, o masculino oculto nelas prevalece sobre o feminino.

Estes artigos devem ser observados em uma ordem, como proposto desde o início, a definição dos momentos de provável desenvolvimento homossexual poderia partir de uma curiosidade ou “divulgação científica”, mas cumpre também um papel de exame, que “combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza”¹⁶⁵, estabelecendo sobre os sujeitos uma forma visível pelas quais eles poderão ser diferenciados e também sancionados. É possível observar também o processo de construção do novo masculino, a que me referi há pouco, neste e em outros artigos publicados no Diário de Pernambuco. Essa operação pode ser explicada por uma perturbação com os limites cada vez mais estreitos entre o masculino e o feminino?

Em 1977, o jornalista Theophilo de Andrade publicou a coluna *Igualdade para as mulheres*, na qual relata, com base em uma emenda à constituição dos Estados Unidos que declarava igualdade entre homens e mulheres, o declínio da sociabilidade focada no masculino em todo o mundo:

Se não houver distinção entre homens e mulheres, estas não mais poderão ser isentas, digamos, do serviço militar, tendo que prestá-lo em caso de guerra como marinheiros, aeronautas e soldados. E como tais terão de viver, promiscuamente, com os homens nos quartéis. E quando caírem prisioneiras de guerra, poderão receber tratamento muito íntimo dos soldados vitoriosos. Por outro lado, terá de ser descoberto o talento guerreiro das mulheres, pois, regularmente, poderão subir nas

¹⁶⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 181.

fileiras, entrar para West Point ou a Escola Naval de Anápolis, e chegar a oficiais, generais, brigadeiros e almirantes. **Terão elas, porém, capacidade física e psíquica para exercer estes deveres para com a Pátria?** Note-se que o serviço militar é o mais sagrado de todos os deveres. Mas por consenso geral desde os primórdios da civilização, tem sido ônus exclusivo dos homens.

Outro aspecto, é a gerência da família, pois, se não há diferença de sexos, como será a mesma dirigida, depois da abolição do pátrio-poder?

Ainda não é tudo. Acabando a diferença de sexos, qual o status jurídico dos homossexuais? Como poderão constituir família se lhes falta o fruto natural da família que é o filho?¹⁶⁶

A partir das lutas dos movimentos feministas, as mulheres vinham conquistando uma série de direitos em todo mundo, um fenômeno que acabou sendo considerado por muitos como uma feminização da sociedade. Essa operação era tida, na visão de homens com Theophilo, como desorganizadora, quase anárquica por subverter a ordem do pátrio-poder, este tão caro e valioso para o autor. O pátrio-poder é fortemente ligado ao patriarcado e a “organização familiar e social em que um homem, o patriarca, submete os outros membros da família ao seu poder.”¹⁶⁷ A saída da mulher da esfera privada, longe do mercado de trabalho e das funções “tipicamente masculinas” e o desacordo com sua posição de submissão e de relações conjugais opressivas, era vista como um alerta brutal não só do rompimento da ordem, mas de uma desvirilização dos homens.

Os questionamentos das capacidades físicas e mentais para a ocupação de funções outrora masculinas são espalhadas até a atualidade, mas um ponto crucial desse texto é a preocupação do autor com a gerência da família nuclear após o avanço dos direitos das mulheres. Durval Muniz chama atenção para como a “ameaça da passividade, da derrota e - porque não da penetração de seu espaço por outros”, tornou urgente para muitos colocar o masculino e o feminino em seus papéis tidos como “naturais”.¹⁶⁸ Para que cada um estivesse em seu quadrado, foi necessário abolir o homoerótico da própria masculinidade nordestina, que como mencionado era um processo característico da formação da virilidade.

Desse modo, o homoerótico parece ter se tornado homossexualidade quando foi colocado ao lado da feminilidade, como uma parte central nesse processo de feminização. O avanço das ideias “prá-frente”, “generosas” teria tornado muito tênue as linhas que dividiram espaços centrais do poder masculino. Assim, o homossexual tornou-se abjeto e repulsivo, o completo contrário da masculinidade nordestina. Nesse processo, a homossexualidade emerge

¹⁶⁶ ANDRADE, Theophilo. Igualdade para as mulheres. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 de dez. 1977. Opinião, A-11. Grifo nosso.

¹⁶⁷ LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 578.

¹⁶⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 1258.

como alvo de todo o esquadramento, da hierarquização, do processo nominativo e normativo que a diferença claramente do padrão masculino da região.

O corpo do homossexual masculino, neste momento, destoava do “padrão de masculinidade” ao seguir rumo ao feminino como no uso de peças e repertório típicos da feminilidade. Os comentários dos articulistas acabam ligando em vários desses artigos a homossexualidade à feminilidade, seja nas observações “científicas” de Nelson Chaves de uma “potencialidade feminina” nos homossexuais, no tom jocoso de Mário Alencar ao achar graça no ator de vestir-se de mulher, ou no uso de substantivos femininos para falarem sobre os homossexuais.

Além disso, a nomeação do homossexual em meio aos tipos mais “desvalorizados” deste momento não é grátis, pertence a uma ordem discursiva que acompanha toda a década de 70. Observa-se o uso dos adjetivos intrusos, indesejáveis, drogados, doentes, pitorescos, esquisitos e de substantivos como pederastas e adeptos de satã, bem como de diversas metáforas sobre corrupção de costumes, pragas sociais e eufemismos sobre a influência nociva sobre os jovens e desvios das funções sexuais “regulares”. Era uma forma clara de condenação e busca da consolidação do predomínio da heterossexualidade, que, na visão dos articulistas, estava em declínio.

A atuação política dos articulistas aqui analisados parece responder ao chamado de Theophilo de Andrade em 1970: É necessária uma reação puritana e, portanto, devemos fazê-la. Esses discursos não eram meras opiniões isoladas, mas parte de um grande esforço discursivo de esquadramento dos corpos homossexuais. Vale aqui lembrar o questionamento de Foucault: “o que há de tão perigoso no fato das pessoas falarem e seus discursos se proliferarem?”.¹⁶⁹ Os escritores nestes artigos não são apenas enunciadores, mas atores que atuavam na rejeição e exclusão do outro, por meio da abjeção, e também na formação de barreiras e expulsão de qualquer resquício de feminilidade na masculinidade nordestina.

¹⁶⁹ FOUCAULT, 1996, p. 8

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de abjeção aqui analisado ensejou na produção massiva de conteúdos jornalísticos negativos em relação aos homossexuais recifenses. Em uma matéria publicada no Diário de Pernambuco, em 1980, o Grupo de Atuação Homossexual de Olinda (Gathó), pioneiro no movimento homossexual em Pernambuco, repudia o tratamento da mídia pernambucana com os homossexuais.¹⁷⁰ Não trago essa nota com o intuito de “comprovar” o que foi argumentado no capítulo anterior, muito menos de analisar o discurso do Gathó, papel para outro trabalho, mas para mostrar a potencialidade de repercussão dos enunciados aqui analisados.

O grupo foi criado, entre outras razões, como uma resposta aos abusos cometidos pela grande imprensa Pernambucana em seus escritos. Títulos sensacionalistas, deboches, figuras de linguagem, adjetivos e até imagens fortes sobre os homossexuais aumentava muito a venda dos impressos. Nesse trecho, há o reclame direto sobre as constantes ligações da homossexualidade à criminalidade e as conseqüentes dificuldades diárias destes sujeitos em viver a vida longe das agressões constantes, algo que só era conseguido, majoritariamente, em uma vida nas sombras. Desse modo, a construção do homossexual enquanto doente, criminoso, abjeto e violento parece ter sido eficaz em seu propósito: deu a determinados sujeitos um rosto grosseiramente distorcido e radicalmente diferente dos demais.

Dessa forma, este trabalho buscou compreender por que a mídia, especialmente o Diário de Pernambuco, pintou os homossexuais de forma tão negativa e estereotipada. Uma análise detalhada dos artigos de opinião relevou que os comentários e representações não eram casuais, mas parte de uma ordem que visava estabelecer claros papéis para os corpos dissidentes de sexo. Concordo, portanto, com Durval Muniz ao afirmar que “todo corpo político é uma tela para projeções de desejos e fantasias, para a projeção de fantasmas e demônios”.¹⁷¹

Tendo isso em mente, entendo que, mais importante do que perceber se esses discursos são certos ou errados, é entender como funcionavam e a serviços de quê. Considerando que tão importante quanto os enunciados e adjetivos aqui postos, são as maneiras imperativas impostas no falar e ao falar.¹⁷² O objetivo não foi levantar um ponto de vista que esteja mais próximo da veracidade do tratamento dado aos homossexuais na mídia pernambucana.

¹⁷⁰ Bonecas: o direito ao prazer é fundamental. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de ago. 1980. Geral, A-7.

¹⁷¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de, 2023, p. 12.

¹⁷² FOUCAULT, 1999, p. 37.

Interessou-me saber o momento social que permitiu a produção desta documentação e quais as práticas sociais envolvidas nesse processo.

Portanto, entendo que a formação do homossexual pernambucano como sujeito público e midiaticado ocorreu mediante uma complexa situação: à medida que eram vistos, eram desenhados, construídos, delimitados e demarcados de formas, majoritariamente, negativas e estereotipadas. Os contrastes dessa formação levaram ao ensejo da formação do gay, o sujeito do orgulho. Era necessário construir uma figura contrária à estereotipação, o uso da palavra gay, que em inglês significa alegre e feliz, potencializou a construção de outro universo simbólico e de um novo estilo de vida.

Assim sendo, mais do que desconstruir o argumento de que no Nordeste só há machos, ideia proposta pelo colunista no artigo que encabeça o título deste trabalho, pretendi mostrar como, em um processo histórico, esses conceitos são retomados e ressignificados por meio de processo de construção ativa de verdades e saberes. Um dos principais pontos deste trabalho foi encarar a emergência do homossexual enquanto um acontecimento, cheio de formas e contornos que só poderiam ser explicados pela história.

Por fim, a articulação do sentimento de abjeção e uso dos artigos como armas políticas revelam, no contexto recifense, como a exclusão dos corpos dissidentes deu-se em um processo não apenas de repressão, mas de modelação, projeção e reforço de papéis e hierarquias. O Diário de Pernambuco, ao estampar, produzir e difundir esses discursos, atuou no processo de divisão dos corpos entre sãos e abjetos, humanos e inumanos, de modo que ao serem pintados de forma negativa e estereotipada, os homossexuais ocuparam as piores categorias entre os sujeitos.

6 REFERÊNCIAS

Fontes

ANDRADE, Theophilo. Necessidade de uma reação puritana. **Diário de Pernambuco**, Recife, 4 jan.1970. Opinião, primeiro caderno, p. 4.

ANDRADE, Theophilo. Igualdade para as mulheres. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 de dez. 1977. Opinião, A-11

CYSNEIROS, Luis. Parabéns, Coronel. **Diário de Pernambuco**. Recife, 31 jan. 1970. Bastidores da Política, primeiro caderno, p. 7.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. “Pra frente”, ao sopro da generosidade. **Diário de Pernambuco**, Recife, 14 mar. 1970. Opinião, segundo caderno, p. 10.

PEDROSA, Amaury. Pernambuco Visto do Rio: O Estado e a Imagem. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 de fevereiro de 1973. Opinião, primeiro caderno, p.4. Grifo nosso.

Polícia fiscalizará exibição de travesti. **Diário de Pernambuco**. Recife, 02 de fev. 1971, segundo caderno, p. 1.

David Nasser | Denner. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 de maio. 1972, segundo caderno, p. 3.

Os indesejáveis da televisão”. **Diário de Pernambuco**. Recife, 07 de mai. 1972, Reportagem, primeiro caderno, p. 26.

O intruso da TV. **Diário de Pernambuco**. Recife, 20 de out de 1976, Viver, seção B, p. 1.

Tudo o que você deve saber sobre o homossexualismo. **Diário de Pernambuco**. Recife, 28 de dezembro de 1976, Feminino, B-2.

Bonecas: o direito ao prazer é fundamental. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de ago. 1980. Geral, A-7.

“Um candidato fala mais alto”. **Lampião da Esquina**, n. 6, p. 4, nov. 1978.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc. 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A mobilização das carnes: história, desejo e política ao rés dos corpos. **História da Historiografia**, v. 16, p. e 2005, 2023.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética revelar e silenciar no discurso cristão. In **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 5, n. 06, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2328>. Acesso em: 19 ago. 2024, p. 86.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. CEBALLOS, Rodrigo: Trilhas urbanas, armadilhas humanas – a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no nordeste brasileiro dos anos 1970 a 1980. In SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia**. In PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. No Ceará tem disso não? Homossexualidade e nordestinidade ou a história dos homens tristes. **Anais do XX Simpósio Nacional de História**. ANPUH, Florianópolis, julho de 1999, v. 2, p. 1241–1259, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Masculino|Masculinidades In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 489-495.

ARAÚJO, Rita de Cássia Uma “feira de mangaios”: o Recife fotografado no tempo dos gerais, 1960-1980. In: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.). **Pernambuco na mira do golpe: direitos humanos, acervos, política e sociedade**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2012. p. 309-344.

BELLINI, Ligia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo**. 1. ed. São Paulo: Crocodilo, 2019.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009.

BRACKLING, Kátia Lomba. Trabalhando com artigo de opinião: re-visitando o eu no exercício da (re)significação da palavra do outro. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCN**. São Paulo: EDUC; Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000, p. 221-247.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CAVALCANTI, Erinaldo. Literatura como arma política: crônica jornalística como estratégia de combate à "ameaça comunista". In: SILVA, Marcília Gama da; SOARES, Thiago Nunes (Orgs.). **Pernambuco na mira do golpe: direitos humanos, acervos, política e sociedade**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2012. p. 249-277.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. **Dicionário crítico de gênero**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2007.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e "subversão" no Regime Militar. In: GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, São Carlos, 2021.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Vozes, 1986.

DE ALMEIDA, Miguel Vale. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do sul de Portugal. **Anuário antropológico**, v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história." In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 15-38.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FRY, Peter. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 54-86.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Editora FGV, 2014.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas [1]. **Revista Tempo e Argumento**, v. 9, n. 20, p. 5-74, 2017.

FICO, Carlos. "Prezada Censura": cartas ao regime militar. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, 2002.

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. São Paulo: Record, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954

FERRARI, Anderson. Homossexualidade In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 395-400.

GREEN, James N. Homossexualidades e a história: recuperando e entendendo o passado. **Revista Gênero**, Niterói, v. 12, n. 2, 2012.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

GREEN, James; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade.** EDUFScar. São Carlos, 2021.

GREEN, James N. **Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel—pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão.** Editora José Olympio, 2018.

GREEN, James; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980).** Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GOMES, Rômulo Gabriel de Barros. **Muito prazer, pornochanchadas: relações entre moral e bons costumes na construção da censura às produções eróticas brasileiras (1975-1982).** 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.

KRISTEVA, Júlia. **Powers of Horror: An Essay on Abjection.** New York: Columbia University, 1982.

LIMA, Lana Lage da Gama; SOUZA, Suellen André de. Patriarcado. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário crítico de gênero.** Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto. **Assumir ou não assumir: o Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981).** Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

MAIOR JÚNIOR, Paulo, QUINALHA, Renan. **Novas Fronteiras das Histórias LGBTQ+ no Brasil.** Elefante, 2023.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MOTT, Luiz R. B. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. **Ciência e Cultura**, v. 40, n. 2, p. 120-139, 1980.

MOTT, Luiz R. B. **O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição**. Campinas–SP: Papyrus, 1989.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa. A notícia como forma de controle social. **Contracampo – Revista de Comunicação**, Niterói, v. 17, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17414>. Acesso em: 13 mar. 2025.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano. Vol. 3 -O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil- militar de 1964**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, a genealogia e a história.” In FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821/1954)**. 2. ed. Recife: Imprensa Universitária/Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues do. **Inventário dos feitos modernizantes na cidade do Recife (1969-1975): sobre as mediações históricas e literárias entre a história recente do Recife e o Romance: A Rainha dos Cárceres da Grécia, de Osman Lins**. Recife (UFPE), 2004. Tese de Doutorado em História.

NASCIMENTO, Anne Raquel da Silva. **Entre o glamour e a marginalidade: a travestilidade no Diário de Pernambuco (1970-1985)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História)- Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PENA FILHO, Carlos. **Guia Prático da Cidade do Recife**. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/urariano-mota-carlos-pena-filho-e-o-recife/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

PARK, Robert. "A notícia como uma forma de conhecimento". Em STEINBERG, C. [org.] 1970. **Meios de Comunicação de massa**. São Paulo, Cultrix, p. 168-185.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In ARIÉS, Philippe, BÉJIN, André (Orgs). **Sexualidades Ocidentais**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. Companhia das Letras, São Paulo, 2021.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução de Claudia Berliner. Campinas: Papirus, 1994.

RODRIGUES, Rita de Cassia C. De Dener a Chrysóstomo, a repressão invisibilizada: As homossexualidades na Ditadura. EEN, James Naylor; QUINALHA, Renan Honório. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, São Carlos, 2021.

RODRIGUES, Rosângela Hames. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; ROTH, Desirée Motta. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2007. p. 154- 183.

RIBEIRO, Renato. J. A política dos costumes. IN: NOVAES, Adauto. (ORG.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Editora da UFPE, 2019.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica** Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. SOS Corpo e Cidadania, 1989.

SINFIELD, A. **Cultural Politics – Queer Reading**. Londres: Routledge, 1994.

SILVA, Sandro José. **Quando ser gay era uma novidade: aspectos da homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVA, Sandro José. Pontos de encontro e desencontro: a sociabilidade e o cotidiano de homossexuais em ruas, cinemas, bares e boates na cidade do Recife (1970-1980). In MÁRIO, JÚNIOR, Paulo, QUINALHA, Renan. **Novas Fronteiras das Histórias LGBTQ+ no Brasil**. Elefante, 2023

SANTOS, Mateus Melo dos. **Bocas que beijam, bocas que falam: Grupo de Teatro Vivencial e masculinidades em Recife e Olinda (1974-1983)**. Recife, 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SENNET, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. São Paulo: Bestbolso, 2010.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014

VERAS, Elias. **Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza–CE, nos tempos dos hormônios farmacopornográficos.** Tese de Doutorado (Programa de Pós- Graduação em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.